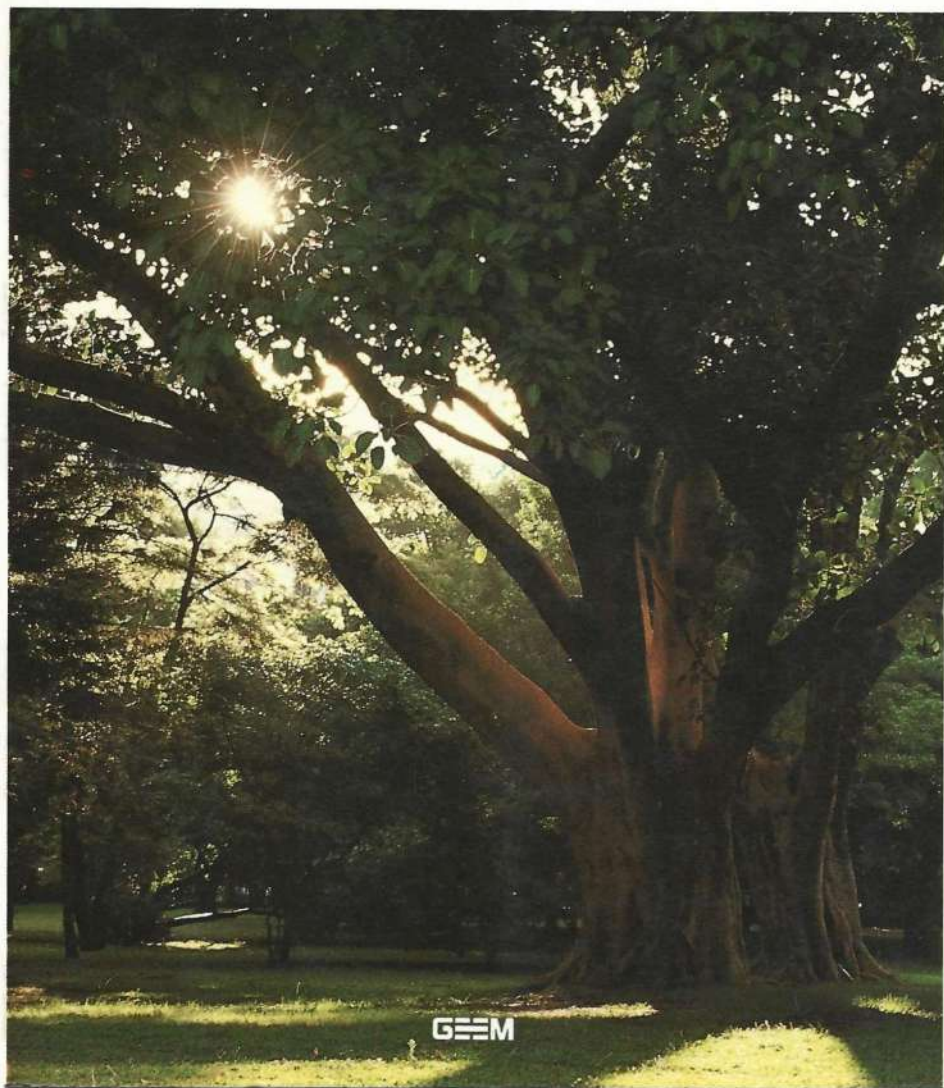


ASSUNTOS DA VIDA E DA MORTE

Francisco Cândido Xavier
Paulo de Tarso Ramacciotti
Autores Diversos



GEEM

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
PAULO DE TARSO RAMACCIOTTI
AUTORES DIVERSOS

ASSUNTOS DA VIDA E DA MORTE

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL S/C EDITORA

G. E. E. M. 1991

A Rolando Mário Ramacciotti

Amigo e Benfeitor

1ª EDIÇÃO

EDIÇÃO GEEM 1991

- REVISÃO:

CAIO RAMACCIOTTI

CAPA:

GESSÉ ALVES PEREIRA

DIAGRAMAÇÃO:

VIVALDO DA CUNHA BORGES

PRODUÇÃO:

WALTER MITTELSTAEDT

FOTO DA CAPA:

NORBERTO ISNENGUI

AUTORES ESPIRITUAIS

Alceu Gouvêa Andries	15
Dimas Luiz Zornetta	29
Domingos Donizetti Zornetta	48
Maria Filomena de Jesus	54
Christino Gomes Portal	63
Fábio Mário Henry	73
Gilberto Teixeira da Silva Júnior	83
Wellington Ramon Monteiro Rodrigues ..	97

Solange Victoretti	106
Maurício Chacon	118
Dejair Fernando Rosa	124
Lilian Guadalupe Alves	131
Elizabete Aluotto Scalzo Palhares	143

ASSUNTOS DA VIDA E DA MORTE

A morte para as criaturas terrestres terá um dia exato e virá aos homens pelos desígnios de Deus?

Ousamos afirmar que a desencarnação tem dia certo, no tempo; no entanto, é justo comentar o problema na pauta da lógica: quando a pessoa humana recebe com paciência as dificuldades passageiras que precedem o fim do corpo de que se utilizou para o estágio, no mundo físico, encontrando a morte em ocorrências ou moléstias com as quais não contava, poder-se-á concluir, com razão, que o desenlace se verificou conforme as determinações das Leis Universais que, a rigor, sintetizam a Lei Divina.

Nesses casos, é razoável declarar que a desencarnação se verificou, em nome de Deus, no dia certo.

Não sucede o mesmo quando a morte se debita à conta dos desequilíbrios ou à imprudência dos homens que trocam a própria vida por atos conscientes e aventuras outras, abusando do seu próprio livre-arbítrio.

- o -

Compreendamos, pois, que desencarnação tem'o dia certo, segundo a Lei Divina, e o dia exato, conforme o comportamento do homem.

Entendamos, assim, que a morte na Terra age em conexão com a Lei Divina ou com as diretrizes errôneas das criaturas quando se tornam irresponsáveis.

- o -

Eis porque considerarmos que a desencarnação se nos apresenta em aspecto bilateral: a cessação da vida no corpo de matéria densa de acordo com os Propósitos Divinos ou conforme os desajustes dos homens.

Dia certo para a morte, em nome de Deus ou dia certo para o desenlace, em nome das criaturas humanas.

É natural que venhamos a considerar que o homem em qualquer lugar responde por si próprio.

- o -

Que dizer do homem que fugiu da instituição em que lhe foi concedida a bênção do trabalho para não observar as conseqüências dos seus próprios deslizes dentro dela? daquele que não quer enxergar as próprias dúvidas que ele mesmo criou? da jovem que se entregou ao suicídio, alegando paixão por alguém, indifferente ao sofrimento dos pais desolados? da mulher que parte para o Mais Além em vista da afeição possessiva com que estimaria prender o homem amado? da pessoa que não se conforma com as circunstâncias da própria existência? daquele que não aceita a provação que o envolve, em doenças consideradas contagiosas? daquele outro que prefere a morte para não conviver com os parentes enfermos, junto dos quais foi chamado a viver? do homem ou da mulher que se encharcam de alcoólicos, esquecendo o compromisso que assumiram e

daquele outro que prepara ciladas contra irmãos indefesos nos caminhos da vida?

Sem dúvida, a morte não será um ninho de rosas para aqueles que olvidam a própria responsabilidade.

- o -

Digne-se o caro leitor, lendo as páginas deste livro simples e despretensioso, que concordará conosco que, em toda parte, encontraremos as Leis Imutáveis de Deus.

- Emmanuel -

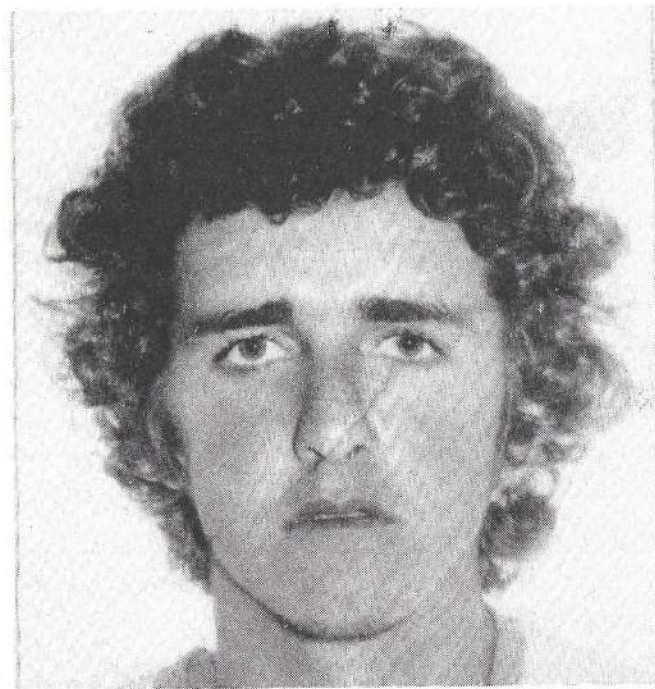
Uberaba, 12 de setembro de 1990

ooooo
ooo
o

ALCEU GOUVÊA ANDRIES

07.06.59 - Recreio - MG

04.12.80 - Leopoldina - MG



Relatam seus familiares, um fato curioso na vida de Alceu. A despeito da formação católica, quando cursava o 1º grau, no Colégio Imaculada Conceição de Leopoldina, com apenas 12 anos foi indagado pela professora:

- Tem medo da morte?
- Não.
- Por quê?
- Porque acredito na reencarnação.

Muito calado, observador atento, grande senso de responsabilidade e um amadurecimento interior considerável, permitindo, já em tenra idade, penetrar com profundidade nos enigmas da vida. Assim era Alceu.

Mantinha com os pais, Edésio Fernandes Duarte Andries e Marília Gouvêa Andries, e os irmãos Luciano, Edésio, Cíntia e Flávia, um relacionamento amigo, desprendido, evidenciando em suas atitudes a mesma grandeza espiritual que observamos em sua mensagem publicada neste livro.

DEPOIMENTO

Na ocasião de sua desencarnação, cursava o 3º ano de engenharia na Universidade Federal de Ouro Preto - MG, e encontrava-se em férias escolares.

Alceu foi um filho sempre obediente, bom amigo, bom irmão. A sua desencarnação causou muito pesar à população leopoldinense.

Com o acidente, estávamos esmagados pela dor da saudade e da separação. Nossos planos de pais tinham ido por terra. Aquele filho em quem depositávamos toda a nossa esperança, partira...

Estávamos transtornados e sem saber qual caminho seguir.

Lendo livros presenteados por amigos, concluímos que nada podemos fazer para impedir, ante a vida, acontecimentos inevi-

táveis, quando fomos procurar Chico Xavier...

A carta de Alceu obtivemos na segunda viagem a Uberaba.

A mensagem foi um bálsamo para nossas almas. Nosso filho vinha tal qual ele era, esclarecendo-nos tudo e respondendo todas as perguntas que fazíamos no silêncio da separação.

Foi tudo muito claro. Ali estava ele. O seu modo de escrever, o jeito de pegar no lápis, até a assinatura da mensagem é a mesma que usava quando encarnado.

Mãezinha Marília e Papai Edésio, têm sido peregrinações difíceis, as que me dedicam, vindo até aqui, procurando a minha pobre palavra.

Já sabemos o que me sucedeu, felizmente através de nossos irmãos de Leopoldina, principalmente. Entretanto, ninguém consegue sufocar o desejo de pais queridos, quando se decidem a procurar pelas notícias de um filho abençoado e esforcei-me quanto pude para dizer-lhes que vou seguindo bem, confirmando as minhas anotações através de nossas orações tocadas de fé em Deus. Queriam, porém, algum informe por intermédio do nosso amigo e pedi para vir até aqui, a fim de revê-los.

Mãezinha Marília, perdoe-me se não consegui atender-lhe as observações sobre as minhas corridas no trânsito. A cada dia, quando me ausentava, ouvia-lhe as observações sobre o cuidado que me cabia respeitar ante a máquina; entretanto cumpri o que, decerto, se lavrara em algum lugar a meu respeito. Impossível não ser assim, porque sempre dirigi com a máxima atenção. Entretanto, não creio que alguém consiga sustar o curso de certas expe-

riências que se nos revelam inevitáveis.

Foi muito difícil para mim a ausência do lar, quando eu mais me ajustava à esperança de vencer na vida com os recursos em mãos. Entretanto... Foi preciso harmonizar-me com as opiniões dos amigos que cultivam o Espiritismo para aceitar por mim o gênero de morte do corpo que me surpreendeu.

Desde o momento em que me vi fora do envoltório físico, antes que o sono me impusesse a imobilidade em suas redes invisíveis, passei a procurar, por perto de mim, quem pudesse ir à nossa casa transmitir as minhas notícias.

Achava-me bem, com a idéia de que persistia na existência terrestre e, muito interessado em identificar o meu caminho para a nossa residência, encontrei um senhor de semblante moreno e amigo que me disse chamar-se Cândido Veloso¹.

Afirmava-se em serviço na cidade, e não vacilei em chamá-lo para orientar-me. Ele sabia o meu itinerário e levou-me ao "Amor ao Próximo"², esclarecendo-me que o irmão Tintino³ viria logo me atender.

Assombrado, notei que não mais me reconhecia entre as pessoas da Terra, pois a elas me dirigia de modo muito estranho, porque pareciam indiferentes à minha ansiedade.

O querido tio de todos nós apareceu com bondade. Explicou-me que eu fora vítima de um trauma violento na desencarnação, e me acolheu de imediato em pequena enfermaria de socorros mais urgentes.

Ali comecei a experimentar a dor que me seguiu por diversos dias, até que eu pudesse ir com calma à nossa casa. Tive a impressão de que a fé e a esperança haviam desertado de nosso ambiente.

A tristeza dos pais queridos me afligiu.

Roguei forças a Jesus por nós.

Em breve tempo, o Tio Washington se fazia sentir junto de nós, doando-me as suas idéias muito lúcidas relativamente ao aconte-

cido. Lembrou-me os convites dele, da tia Penha, da prima Alcione, da irmã Elizabeth Montenari⁴, a fim de que estivesse esclarecido sobre o que nos acontece além do corpo, e, muito grato, aderi aos ensinamentos e disciplinas que me foram propostos. Com o regime adotado, posso estar em casa quase que todos os dias, e tenho progredido um tanto mais no ideal de lhes ser útil.

É com muita alegria que lhes peço cultivarmos a confiança na Espiritualidade, pois considero uma bela conquista a possibilidade de chegar até aqui sabendo, de antemão, como evitar as primeiras dificuldades do nosso intercâmbio.

Mãe, não me afastei de nosso amor, nem de nossa casa. Estou trabalhando no “Tintino”⁵, como sucede ao papai.

Rogo ao Edesinho⁶ substituir-me em casa.

Tenho os irmãos todos em minh'alma, e rogo a Deus nos faça felizes.

Tenho aprendido de novo a prestigiar a oração e prometo-lhes prosseguir, com êxito, em minha nova fase de restauração.

Agradeço, querida mãezinha Marília e querido Papai, todas as orações com que me fortaleceram aqui, para que eu pudesse suportar a transição rápida sem maiores reclamações.

Endereço o meu reconhecimento a todos os amigos que me fortaleceram naqueles dias, nos quais me vi em dificuldades para escolher a estrada em que devia caminhar.

Graças a Deus, acertei os meus passos e rogo à Mãezinha me auxilie a vencer-me nas inseguranças que ainda me assinalam aqui.

O Oldemar tem sido um grande amigo, e também ele preferiu trabalhar ao lado de dona Alaíde⁷ e dos filhos queridos, permanecendo em nossa instituição.

De nossos familiares, tenho recebido muito carinho e assistência da vovó Ana e do avô e querido amigo Manoel⁸.

Amizades e dedicações não me faltam.

Tenho o auxílio da irmã Irthes Terezinha, de Ubá, do irmão Aires, de Cataguases, do irmão Isaltino, de Juiz de Fora, do amigo Abel Go-

mes, de Astolfo Dutra⁹, e podem acreditar que o nosso trabalho de formação espiritual é intensivo com amigos e instrutores em ação.

Eis aqui as minhas notícias de rapaz transferido de escola. São simples, mas são minhas.

O tio Washington está comigo neste instante e pede, por nosso intermédio, para que Alcione e Ostinho¹⁰ prossigam, tanto quanto os irmãos, junto à tia Penha, nos serviços da seara de amor e luz em que todos nos encontramos.

Agradeço tudo o que tenho recebido nas renovações de nossa casa em meu benefício.

Não me refiro à máquina¹¹ que tanto desejei possuir, porque estou fazendo exercícios mentais para esquecê-la.

Felizmente estou sempre melhor, conquanto as saudades muitas.

Entretanto, é com o meu sentimento transbordando de esperanças no futuro melhor, que deponho nas mãos dos pais queridos o coração muito respeitoso e muito grato do filho.

Alceu
Alceu Gouvêa Andries
27.03.82

ELUCIDAÇÕES

- 1) Cândido Veloso - Desencarnado em 1941, aos 72 anos de idade.
Foi um dos fundadores da Igreja Metodista de Leopoldina, e também da União Beneficente Operária Leopoldinense.
Desconhecido da família do comunicante e de Chico Xavier.
- 2) "Amor ao próximo" - Centro Espírita Amor ao Próximo, de Leopoldina, com mais de 8 décadas de atividades.
- 3) Tintino - José de Oliveira Pires, mais conhecido como Tintino Pires.
Espírita militante, ligado ao Centro Espírita Amor ao Próximo, com participação ativa na construção do Albergue Noturno "Major Zeferino".
Tio do pai do comunicante.
Desencarnou em 1955, com 74 anos de idade.
- 4) Washington Duarte Andries - Irmão mais velho do

pai de Alceu. Tornou-se espírita convicto e profundamente estudioso. Desencarnou em agosto de 1980, com 53 anos de idade.

Penha Aparecida - Esposa de Washington Duarte Andries.

Alcione Aparecida Andries Lopes - Filha mais velha do casal Washington-Penha.

Elizabeth Montenari - Espírita militante. Presidente do Centro Espírita "Tintino Pires" e responsável pelo Departamento de Difusão Doutrinária do Centro Espírita Amor ao Próximo.

5) ...Trabalhando no "Tintino"... - Centro Espírita "Tintino Pires", fundado em 1977, na periferia de Leopoldina, assim denominado em homenagem a Tintino Pires.

6) Edesinho - Irmão de Alceu.

7) Oldemar Montenari - Militante espírita de Leopoldina. Dedicado servidor do próximo, trabalhador do Centro Espírita Amor ao Próximo. Fundou a Sopa da Fraternidade, que atende diariamente pessoas carentes. Fundador também do Centro Espírita "Tintino Pires".

Alayde de Oliveira Montenari - Esposa de Oldemar Montenari.

8) Mariana Siqueira - Trisavó de Alceu, desencarnada há vários anos. Morou em Sapé de Ubá, município de Ubá - MG. Incansável trabalhadora da Doutrina Espírita.

Avô Manoel - Trisavô de Alceu, esposo de D. Mariana Siqueira. Companheiro da esposa nos trabalhos doutrinários.

9) Irthes Terezinha de Andrade - Natural de Ubá - MG. Muito ligada ao movimento espírita leopoldinense.

Desencarnou em 1957, aos 51 anos.

Aires de Oliveira - Natural de Cataguases - MG. Desencarnado há vários anos. Não foram conseguidos mais dados. Sabe-se que é mentor espiritual de centros espíritas de Cataguases e do Centro Espírita Amor ao Próximo, de Leopoldina.

Isaltino da Silveira Filho - Espírita militante. Um dos fundadores do Centro Espírita Ivon Costa, em Juiz de Fora - MG.

Abel Gomes - Espírita, escritor, poeta e professor. Deixou alguns livros, dois dos quais editados pela Federação Espírita Brasileira.

Natural de Braz Pires, município de Astolfo Du-

tra - MG, onde há uma instituição de amparo que leva seu nome.

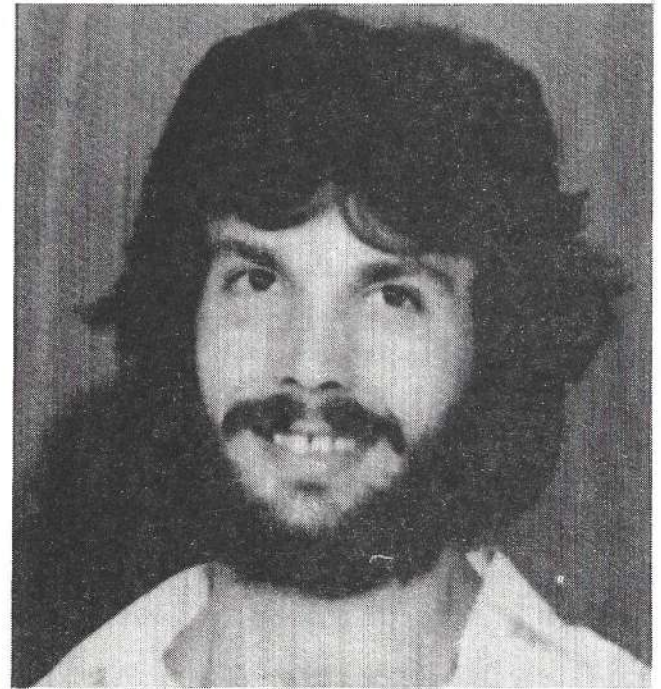
Desencarnou em 1934, aos 57 anos.

- 10) Washington Duarte Andries Filho - primo de Alceu, filho do casal Washington - Penha.
- 11) "... a máquina..." - refere-se à moto que dirigia quando do acidente.

DIMAS LUIZ ZORNETTA

19.04.58 - São Carlos - SP

08.01.84 - São Carlos - SP



Cioso das suas obrigações, sempre exerceu com dedicação sua profissão de marceneiro, cuja formação obteve no SENAI.

Casou ainda jovem com a sra. Maria Benedita Claudino. Não teve filhos.

Deixa-nos em suas mensagens psicografadas por Chico Xavier a certeza de que o livre arbítrio é inviolável, e cada espírito tem de buscar o seu próprio caminho rumo da Espiritualidade Maior.

DEPOIMENTO

Trabalhei muito para que nada faltasse aos meus três filhos.

Quando tudo caminhava muito bem, aconteceu o inesperado. Primeiro o desencarne do filho mais velho e, alguns meses após, novo abalo em minha vida, com o desencarne do segundo filho.

O desespero me dominou, não havia mais lugar no mundo para mim.

Através de uma amiga, conheci o sr. Osvaldo Caetano, espírita militante, médium bondoso, amigo dedicado, que me levou a Uberaba, apresentando-me a Chico Xavier.

Na noite de 07 de setembro de 1984, recebi duas maravilhosas mensagens dos meus filhos desencarnados, que estão mais vivos agora.

Agradeço a Deus por proporcionar momentos tão maravilhosos, que não acreditava mais existir.

Chico querido, obrigada por tudo, obrigada pela imensa alegria que você proporcionou a mim e ao meu filho Valdo. Deus o abençoe por tantas palavras bonitas de conforto.

Talvez eu não tivesse conseguido sobreviver à dor, se não conhecesse este homem que se chama Francisco Cândido Xavier.

Lourdes Formenton

Genitora de Dimas e de Domingos, jovens que apresentamos neste e no capítulo seguinte.

Querida mamãe Lourdes, peço-lhe a bênção.

Vejo a senhora com o nosso Valdo¹ neste recinto de paz, mas não consigo enxergar as pessoas que nos cercam. Sei que dois amigos me trazem até aqui, mas ignoro quem sejam.

Mamãe, seu filho pede perdão pelo que fez, conquanto saiba que agiu sob a pressão de inimigos invisíveis que lhe golpearam a mente. Eu não queria, mãe, não queria cometer aquele ato impensado, mas uma vontade muito forte me absorvia e parece-me que fui um simples autômato para aquele ou aqueles que me indicavam o suicídio como sendo o melhor a fazer.

Tinha um monte de desculpas dentro de mim. Saudades de meu irmão Domingos², as dificuldades da vida e a luta constante por melhorar-me, sem poder fazer isso. Andei por diversas ruas, pedi o socorro de Jesus por toda parte, mas aquelas mãos enormes e duras pesavam nas minhas. Sei que não tenho desculpas e que devo assumir os meus próprios atos, mas a senhora não imagina como sofro...

Por vezes, via o meu pai Abílio³ de relance, como a solicitar-me juízo e calma, entretanto, as outras vozes eram mais poderosas e mais fortes.

No dia sete tomei alguns tragos para ganhar coragem, sem saber o que oferecia aos meus infelizes agressores e no dia oito, pela manhã, já me achava transformado.

A nossa Maria⁴ me pedia paciência. Aleguei dor de cabeça e mal-estar. Ela arranhou algumas gotas de um calmante cujo nome não me lembro, mas recusei aquele auxílio, abrindo a camisa e mostrando-lhe a arma que eu trazia no cinturão. A esposa não acreditou que eu fosse capaz do gesto desesperado, mas sem esperar que ela viesse impedir-me os movimentos, levei a arma à altura da cabeça e acionei o gatilho. Ela gritou e eu, a esgotar-me na perda de forças, lembrei-me, de repente, dos seus sacrifícios de mãe por nós. Entretanto, não tive tempo de recuar do mal que fizera a mim mesmo.

Amigos chegaram atendendo aos gritos de Maria e correram comigo para o hospital.

No entanto ainda ouvi o médico, se não me enganou o Dr. Pedro⁵, a dizer: “é tudo inútil”. Compreendi que a hora havia chegado e pedi socorro ao irmão Domingos e a meu pai Abílio, mas em vão... Os lamentos de quantos me rodeavam desapareceram de meus ouvidos e me vi sozinho, num pesadelo terrível, em que tentava, de balde, retomar o meu corpo sem vida; e nesse pesadelo estive muitas semanas, até que escutei vozes amigas a me convidarem para segui-las na direção do socorro de urgência. Eu estava cego e deixei-me conduzir para tratamento. Nesse tratamento estou, e, hoje, essas vozes me convidaram a vir vê-la. Como se estivesse beneficiado por um prodígio que não sei esclarecer, vi a senhora com o nosso Demevaldo. E chorei, arrependido por tudo o que fiz, irrefletidamente.

Querida mãezinha Lourdes, perdoe-me - a mim que caí num sofrimento assim tão grande! Fito a sua face e a esperança me retoma o coração.

Lembro-me de seus dias de aflição em nossa casa e envergonho-me de pedir-lhe per-

dão e bondade que não fiz por merecer.

Mamãe Lourdes, dê-me as suas orações de paz e diga que me desculpa. Farei o possível para retomar-me do sofrimento em que ainda me encontro, a fim de lhe ser útil e à nossa Maria. Sei que Deus nunca se empobrece de compaixão. Quanto mais infeliz está o homem, mais ampla se faz a bondade do Pai Celestial. Ele me levantará por dentro de mim e concederá forças para ser seu filho outra vez, porque presentemente sou um trapo de dor e arrependimento.

Querida mãezinha Lourdes e querido Valdo, Deus nos proteja! É tudo o que por agora posso rogar em minha condição de penúria espiritual, mas mesmo nessa penúria, querida mãe, sinto-me ainda seu filho e conto com o seu perdão para a minha falta... Não posso escrever mais.

Querida mãe Lourdes receba as lágrimas que me ficam por dentro da própria alma, incapaz que me sinto de prosseguir escrevendo e lembre-se de que seu filho espera, do seu amor, tudo aquilo que hoje não mais tem.

Todo o carinho com as saudades imensas
do seu filho

Dimas

Dimas Luiz Zornetta
07.09.84

ELUCIDAÇÕES

- 1) Demevaldo Zornetta - Irmão mais novo.
- 2) Domingos Donizetti Zornetta - Irmão mais velho, desencarnado em 14.08.83. Fato interessante esta passagem, pois Dimas foi trazido à reunião pelo seu irmão, conforme podemos observar na mensagem.
- 3) Abílio Zornetta - Pai. Desencarnado em 24.06.78.
- 4) Maria B. Claudino Zornetta - Esposa.
- 5) Dr. Pedro Kamimura - Médico neurocirurgião, que prestou os socorros a Dimas.

Querida Mãezinha Lourdes, aqui é o seu Dimas Luiz quem escreve.

Estou sensibilizado e reconhecido por sua compreensão e receptividade. Digo assim, porque o seu coração tem atendido a todas as minhas solicitações, qual se conversássemos frente a frente.

Não posso esquecer que, apesar dos infelizes irmãos que se fizeram obsessores de minha vida, voltei para cá na posição de um suicida desventurado, requisitando a compaixão geral para reconstituir a minha tranqüilidade possível no ambiente de estranhos recursos que havia criado para mim próprio. Faz precisamente um ano que lhe dei minhas notícias e penso haver pacificado a sua alma querida com as minhas palavras.

Agora, posso dizer-lhe que, entrando na Vida Espiritual com a minha cabeça desequilibrada, demorei seis meses em tratamento constante para compreender que me achava sob o amparo de meu tio Luiz¹, do meu pai Abílio e do meu irmão Domingos.

Não posso dizer que sofri tanto quanto me cabia esperar sofrer com as conseqüências de meu ato impensado, pois via os meus parentes e benfeitores, qual se estivessem recobertos por uma neblina que a minha capacidade visual não atravessava. Depois de seis meses, os meus olhos foram restaurados e vi não só a Mãezinha Lourdes, o meu irmão Demevaldo pela primeira vez, conscientemente, mas também pude visitar a esposa que deixei sozinha e desolada, a nossa Maria Benedita Claudino.

Junto de cada um experimentava a alegria tisonada pelo remorso, no entanto, o meu pai Abílio obteve a minha entrada numa escola da Espiritualidade. Ali me reencontrei na condição de um aluno, cercado de exercícios e deveres. Quando lhe enviei as minhas notícias, em sete de setembro passado², já me situava nesse instituto de ensino. Aí aprendemos lições sobre amor e paciência, humildade e coragem, fé e serviço ao próximo, discernimento e equilíbrio, caridade e elevação.

As matérias professadas são muitas. O Domingos sempre colaborando para que eu não me amedrontasse com o curso que, aliás, ainda é o meu ponto de trabalho até hoje.

Chegou o momento de voltar ao nosso ambiente terrestre, para que eu, qual acontecia com outros aprendizes, encontrasse o meu teste que os professores consideravam principal. Já me havia manifestado para o seu carinho de mãe, juntamente do Valdo, e me sentia aliviado no arrependimento pesado que trazia a refazer na memória a dolorosa cena de minha despedida, com a arma a me golpear o corpo, manejada por minhas próprias mãos.

Ignorava os motivos, mas o teste, segundo informações de meu pai Abílio, ia se realizar junto de minha esposa. Até então, tudo estava claro em meu espírito, com a expectativa de que me sairia bem. Já havia visitado a nossa Maria por duas vezes, em meu primeiro ano de existência no plano espiritual, e nesse dia do teste, regressaria à nossa casa pela terceira vez. O papai Abílio e o tio Luiz me acompanhavam.

Atingimos a casa, numa noite de serenidade em todo o ambiente. A Luz brilhava sobre a cidade com uma beleza que era nova para mim, pois começava a me reconhecer longe de qualquer problema. Alcançamos a residência e notei que, embora sem novo casamento, aquela mesma criatura que continuava aceitando por minha esposa permanecia com outro homem, dentro de nosso quarto. Trocavam palavras de amor e de confiança no futuro e, sem necessidade de muita observação, percebi que Maria estava sendo iniciada em nova gravidez.

Senti um choque balançar-me os escaninhos da alma, como se o homem forte que eu fora estivesse renascendo em mim para exigir direitos que não me cabiam mais.

As lágrimas de revolta e tristeza me banhavam o rosto, quando meu pai me perguntou pelos meus novos sentimentos. Vi o rival, descontraído e contente, e me lembrei das aulas que freqüentava.

As palavras do professor de compreensão e tolerância ressoavam dentro de mim e come-

cei a raciocinar. Acaso poderia eu, que abandonara o lar, exigir qualquer fidelidade da companheira de quem não sentira piedade?

Seria justo ferir-lhe os anseios de mulher ainda moça com qualquer recriminação? Como procederia eu em situação idêntica à situação que eu mesmo com o suicídio a colocara? Seria razoável, porventura, que ela permanecesse sozinha por minha causa? Quantas noites teria atravessado, chorando a minha perda?

Quanta solidão sofrera, receando a loucura, até que aceitasse o convite daquele desconhecido para modificar a própria existência? Tudo isso pensei numa reduzida fração de tempo.

Então respondi a meu pai que eu sofria compreendendo que não podia cometer essa injustiça, reprovando a companheira que havia posto confiança total em mim e na minha palavra de esposo fracassado e que, por isso, estava disposto a reparar o meu erro e auxiliá-la.

Meu pai me abraçou enxugando as lágrimas que me corriam na face e expediu telepaticamente para o instituto a que me referi a

notícia de que eu vencera no teste.

Felicitaram-me os dois benfeitores e pedi que me conduzissem à sua presença de mãe. A senhora descansava, pensando na vida e lhe pedi cooperação para ser útil à ex-esposa que resolvera tomar outro caminho. Com surpresa, notei que os meus pensamentos sintonizavam com os seus e, sem que me visse com os seus olhos materiais, a senhora prometeu a si mesma que visitaria a antiga nora, encorajando-a a abraçar a criança nascitura em novo estímulo para a vida. E daí por diante, mamãe Lourdes, encontrei-a por diversas vezes junto de Maria, dizendo-lhe que a criança decerto era aquela de que eu teria sido pai se estivesse no mundo. E a senhora e eu abraçamos a pequenina que é a nossa Michele³ de hoje, com talvez dois meses de idade. Agradeço-lhe o que fez e continua fazendo por mim.

Mãezinha, estou melhorando. Muito grato por sua abnegação.

Continue, por favor, considerando Maria Benedita, por sua filha porque ela bem o

merece, naquilo que eu mesmo, seu filho, não fiz por merecer.

Peço-lhe dar as nossas notícias ao nosso Demevaldo. Ele ficará surpreso, mas satisfeito. Explique a meu irmão que aprendemos aqui a estudar e entender as lições que evitam o mal; entretanto, se alguém cai nesse mesmo mal que precisamos evitar, a compreensão deve ser exercitada por nós, com a sinceridade que devemos aos compromissos espirituais.

Perdoe-me haver escrito tanto, mas presenciei esta reunião em sua companhia e observei que o perdão era o tema principal e ninguém existe mais necessitado de perdão do que eu mesmo.

Querida Mãezinha Lourdes, o papai Abílio e a minha querida bisavó Hermínia Maria⁴ lhe deixam carinhosas saudações. E eu que nada possuo de bom para oferecer-lhe, peço-lhe receber a renovação do seu filho, com as minhas esperanças de melhorar o meu próprio caminho.

Com todo amor, deponho em suas mãos

o coração de seu filho reconhecido.

Dimas Luiz Zornetta
07.09.85

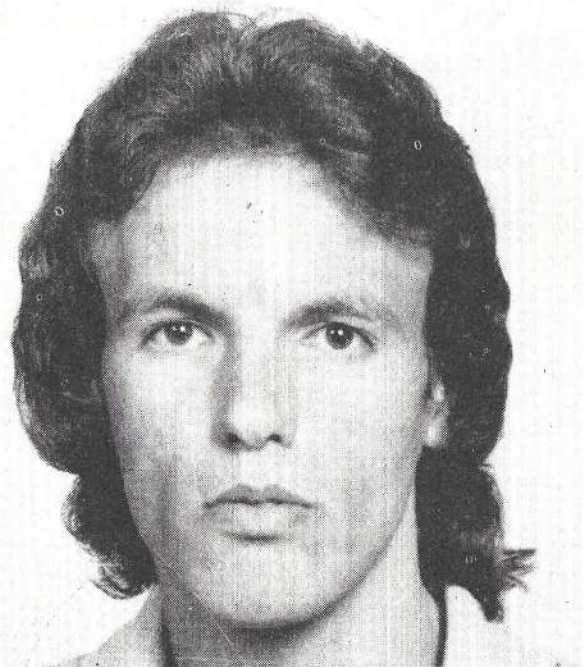
ELUCIDAÇÕES

- 1) Luiz Zornetta - Tio paterno, desencarnado em 15.10.49.
- 2) Data da recepção da mensagem anterior.
- 3) Michele - Filha de Maria Benedita Claudino, nascida em 20.06.85.
- 4) Hermínia Maria - Bisavó materna, desencarnada há muitos anos.

DOMINGOS DONIZETTI ZORNETTA

13.05.56 - São Carlos - SP

14.08.83 - Tucuruí - PA



Zetti sempre demonstrou muita responsabilidade para com a família. Primogênito, cedo entendeu que a vida exigia muito trabalho e dedicação, respeito e amor para com seus semelhantes.

Assim procedeu...

No trabalho, propriamente dito, iniciou-se aos 13 anos, e, paralelamente, foi se solidificando nos estudos.

No círculo familiar, formado pelo pai, Abílio Zornetta, desencarnado em 24.06.78, a genitora, d. Lourdes Formenton, e os irmãos Dimas e Demevaldo (Valdo), encontrava a razão das responsabilidades que pressentia.

Como supervisor de segurança do trabalho, partiu em novembro de 1982 para Tucuruí, onde desencarnou em 14 de agosto de 1983.

Zetti enviou várias mensagens pela psicografia de Chico Xavier. Apresentamos uma delas, onde podemos observar a sua privilegiada condição espiritual.

Querida mãe Lourdes, abençoe-nos.

Aqui está o que o nosso Dimas¹ foi capaz de escrever. O tio Luiz e eu trouxemo-lo à sua presença para que ele se manifestasse. Entretanto, ainda não consegue enxergar-nos. O projétil como que arrasou transitoriamente o crânio do irmão que, aos poucos, se recuperará.

Mãe querida, os espinhos dão rosas e as pedras conservam o ouro no chão. Recebamos as nossas provações do sentimento voltados para Jesus. Sei o que a sua sensibilidade tem sofrido nestes meses últimos. O nosso Dimas pediu-lhe perdão pelo ato impensado e eu lhe peço perdão por haver partido de forma estranha, nas águas pesadas do Tocantins.

Os amigos convidaram-me para alguns momentos de distração em Tucuruí e não hesitei no mergulho, no qual o coração parou de repente. Quando alcancei o fundo das águas não tive forças para retornar; via-me atordoado, fora de mim mesmo, a refletir em sua aflição, tão longe de mim, quando alguém me ofereceu as mãos amigas e me falou em descanso.

Era o tio Luiz a despertar-me para a realidade. Achava-me fatigado, tão fatigado que me entreguei a ele, sem conhecê-lo, como me entregaria a qualquer outro benfeitor que me estendesse auxílio. Dormi naqueles ombros fortes que me recordavam o tempo de criança, quando em companhia de meu pai Abílio.

Mãe, não desanime. Aí estão o nosso Valdo e nossos amigos. A sua família, que é a nossa, é muito maior do que julgávamos. A senhora continua sendo a minha estrela. Para onde me volte nos caminhos da vida nova, eis-me a contemplá-la, indicando-me as melhores estradas a percorrer.

Agradeça, mãe querida, aos companheiros da Hidrelétrica o que fizeram por mim. Sou devedor de todos.

Peço-lhe: não chore mais, com tanto sentimento de solidão. Estamos juntos. O seu coração palpita em meu peito e o meu, como sempre sucede, vive dentro de sua alma, a cujo amor tudo devo em esperança e consolação. Em seus momentos de prece, recorde-me com a minha fisionomia alegre de filho feliz. Que-

ro que se sinta comigo, de modo permanente.

A nossa irmãzinha Sandra vai seguindo muito bem e espero que ela possa trazer notícias à nossa irmã pelo coração, dona Maria².

Valdo, meu caro irmão, receba o meu abraço e represente-nos junto da mamãe que nos enriquece de amor.

Querida mãe Lourdes, agora devo acompanhar o tio Luiz no retorno ao recanto de tratamento, onde o nosso Dimas se encontra, presentemente.

Receba por isso, querida mãe Lourdes, a própria vida de seu filho, em sinal do carinho e da saudade que carrego incessantemente, de modo a me sentir sempre e mais seu. E conquanto a minha desvalia, guarde consigo tudo de bom e belo que lhe desejo e ainda não possuo para lhe dar.

Muitos beijos do seu filho do coração, sempre o seu

Zetti

Domingos Donizetti Zornetta
07.09.84

ELUCIDAÇÕES

- 1) Dimas Luiz Zornetta - Irmão de Zetti, desencarnado em 08.01.84. Refere-se a mensagem enviada através da psicografia de Chico Xavier. Ver capítulo anterior.
- 2) Sandra Marilda Catoia Ordonho - Amiga de infância, desencarnada em 20.09.70.
Maria Aparecida Catoia Ordonho - Mãe de Sandra Marilda.

MARIA FILOMENA DE JESUS

05.04.1894 - Uberlândia - MG

30.05.1984 - Uberlândia - MG



A vida de D. Maria, em sua última encarnação, iniciou-se no século passado. Nos seus noventa anos de existência, com muita humildade, muito trabalho, fé inabalável em Jesus, conseguiu cumprir a sua árdua e nobre missão.

Casada com o sr. João Francisco de Lima, ficou viúva aos 33 anos de idade. Com 5 filhos, morando em uma fazenda nas cercanias de Uberlândia, optou pela cidade, a fim de conseguir meios para criá-los.

Apesar das dificuldades, adotou mais um filho, com apenas 1 ano e 2 meses, Eurípedes Fagundes Lima.

Católica praticante, procurou em sua vida nortear os passos dos filhos dentro do Cristianismo. Revela-nos em sua mensagem, fatos desta e doutra vida, que nos dão a certeza de que a vida continua, além das fronteiras da morte...

DEPOIMENTO

Aproveitamos a oportunidade para agradecer o júbilo que o nosso tão querido Chico Xavier nos proporcionou pelas suas mãos luminosas, trazendo-nos notícias de nossa querida Mãezinha, rogando a Jesus que o fortaleça, dando-lhe muita saúde e alegria em suas tarefas.

Não poderíamos deixar de agradecer também os nossos caros irmãos Weaker e Zilda Batista, de quem recebemos tanto auxílio e conforto espiritual.

Eurípedes Fagundes Lima e Família

Querido Eurípedes¹, meu filho, Deus nos abençoe. Você desejava receber notícias minhas e aqui estou; desejando a você e à Monika², com meus netos, saúde e paz, coragem e alegria.

Dirijo-me a você com muita emoção. Todos os filhos estão no cofre de minhas saudades, especialmente você que me veio de Deus por filho do coração³. Agradeço tudo o que você fez para o bem-estar de sua velhinha.

Minha viagem foi demorada. Tive tempo suficiente para ver vocês todos crescendo e abraçando as tarefas que Jesus lhes reservou. Aqui, em meus momentos de meditação, lembro tudo quanto você me dizia, preparando-me para aceitar a transferência de vida.⁴

A morte foi para mim um sono bendito, com descanço para a minha cabeça e para os meus braços. Como dormi, não sei. Fiquei na condição das pessoas que recebem, inconscientemente, uma injeção de anestésicos num local e acordam em outro.

Você ouviu, decerto, falar sobre um missionário do bem, de nome Alfredo Júlio⁵.

Pois foi quem, a pedido de parentes meus, me conduziu à casa de repouso onde me encontro.

Não encontrei meus familiares diretos, porque, com a minha existência de noventa anos, minha avó e mãe já haviam recebido outras tarefas. Mas quando o João Francisco⁶, meu esposo, chegou ao aposento em que me achava, para ver-me, não sei transmitir a você a felicidade que me desabrochou no coração. Foi um momento inesquecível que, em nossa família, talvez somente você conseguirá compreender. Então, voltou-me o ânimo ao coração.

Queria ser novamente a tutora dos meus rapazes e das meninas, porque, para as mães, os filhos são sempre as suas mais lindas crianças. E, atualmente, já estou zelando pelo Adolfo, pedindo a Deus para que a Tereza⁷ esteja mais forte para enfrentar as lutas do caminho. Eu que passei tantos anos de viuvez, imagino o que não estará sofrendo a nora, com a ausência do Adolfo.

Deus nos proteja.

Quero dizer-lhe que todas as páginas que

você lia para mim com tanta paciência são reflexos da verdade. A vida continua, mas com tanta grandeza que eu não saberia falar a você, se quisesse ou pudesse traçar comentários sobre isso.

Meu filho, sempre que você puder, vá ver os seus irmãos e todos os nossos. Julieta, Antonieta, Marieta e João precisam de sua palavra de irmão amigo.

Ainda não posso oferecer a você coisa alguma. A sua velhinha está, ainda, tão pobre quanto veio daí, de minha família para cá. No entanto, espero entender os caminhos que me cercam e que se estendem junto de mim, convidando-me a conhecer melhor a vida; e o João Francisco me promete apoio para quando o nosso filho Adolfo se reconhecer mais forte e, então, procurarei servir você e sua querida família de Anápolis, com o meu amor de mãe, porque não acredito possuir outra coisa para dar, ainda por muito tempo.

Saiba, porém, que você continua sendo, para mim e para o João, o nosso querido Lîminha, que não podemos esquecer.

Meu filho, perdoe se não escrevi certo - o que devo fazer, com atenção - e guarde a certeza de que onde eu estiver, você terá, sempre, esta mãe pelo coração, sempre a pedir a Jesus, por nós, paz e felicidade.

Maria Filomena de Jesus
30.05.86

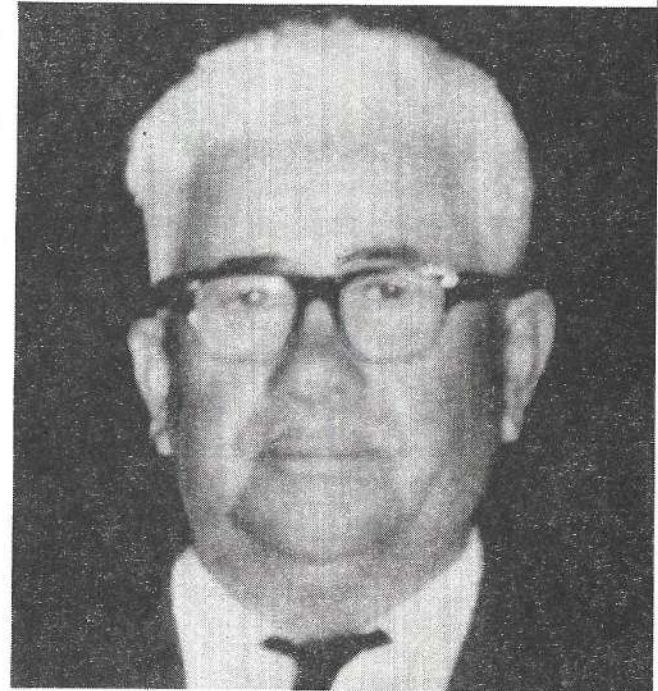
ELUCIDAÇÕES

- 1) Eurípedes Fagundes Lima - Filho adotivo de D. Maria Filomena.
- 2) Monika Marx Lima - Esposa do sr. Eurípedes Fagundes Lima. O casal tem três filhos. Verônica, Guinter e Angélica.
- 3) ... Veio de Deus por filho do meu coração. - Refere-se ao filho adotivo. Quando encarnada usava esta expressão com frequência.
- 4) ...Preparando-me para aceitar a transferência da Vida. - Nos seus últimos dois anos, D. Maria encontrava-se acamada em face de fratura dos ossos da bacia. Preocupada com a desencarnação iminente, recebia de seu filho Eurípedes esclarecimentos sobre a Vida Espiritual, o reencontro com o esposo e a facilidade que teria em proteger os filhos.
- 5) Alfredo Júlio - Destacado militante espírita na cidade mineira de Uberlândia, quando encarnado.
- 6) João Francisco Lima - Esposo de D. Maria Filomena. Casados durante 16 anos, desencarnou por volta de 1927.

- 7) Adolfo Lima - Filho mais velho do casal. Nasceu em Uberlândia - MG no dia 25.07.1918, desencarnando em 04.12.1985.
Terezinha Lima - Nora de D. Maria, esposa do Adolfo.
- 8) Referências aos Filhos Julieta, Antonieta, Marieta e João Lima, que com Adolfo, completam-lhe a constelação familiar.

CHRISTINO GOMES PORTAL

24.07.1888 - Santo Antônio da Patrulha - RS
10.03.1978 - Porto Alegre - RS



Um século de existência, 10 filhos, muita luta, muito trabalho, muita fé... Assim foi sua encarnação.

Muita luta, enfrentando as dificuldades naturais de um país em desenvolvimento, sobretudo em longínqua cidade do interior gaúcho.

Muito trabalho, para vencer as vicissitudes da vida, criando e orientando a prole numerosa que Deus lhe enviou.

Muita fé, que o ensinou a amar a natureza, extrair dos vegetais os medicamentos para os males do corpo e o fortalecimento do espírito.

Sua existência, foi-lhe, sem dúvida, de grande proveito, projetando-o na Espiritualidade Maior para novas missões.

DEPOIMENTO

Foi com grande alegria e emoção que recebi a primeira mensagem de meu pai, em fevereiro de 1982, através da qual ele demonstrava seu grande amor pelos filhos, esposa e sua terra natal. Em virtude do pedido contido na segunda mensagem de meu pai, passei a me interessar pelas crianças carentes de Santo Antônio da Patrulha. Assim, anualmente, vamos em caravana de Porto Alegre a Santo Antônio para festejar o Natal com as crianças carentes.

A festa, para mim, é um acontecimento gratificante, pois posso sentir o quanto meu pai estava certo em me fazer aquele pedido. Como é gostoso ajudar nosso próximo e ver o sorriso e o olhar brilhante daquelas crianças!

Que este livro possa despertar no co-

ração dos leitores amigos, o amor ao estudo, tão necessário, da revelação espírita, e que observem e analisem as mensagens nele contidas.

Para Chico Xavier, médium extraordinário, rogamos a proteção Divina, a fim de que possa continuar sua vida de dedicação e amor ao próximo.

A todos os leitores desta obra, deixo aqui meus agradecimentos rogando a Deus e a Jesus que os protejam e guiem sempre seus caminhos.

Nahir Rocha Dihl

Querida Nair¹, minha querida filha, peço a Deus a bênção.

Estou surpreso, ao sabê-la deslocar-se dos nossos de Santo Antonio da Patrulha, tão longe, no Sul, para realizar esta excursão, à procura da fé. Muito grato a você pelo carinho e pelo interesse na sobrevivência de seu pai.

Volto a vê-la, compelido pela generosidade da mãezinha Alexandrina e da mãezinha Isabel² e os quadros da existência se me reavivavam na lembrança.

Deus abençoe a nossa querida Delfina³ e guarde a todos os meus filhos em Sua Proteção. Todos estão comigo nas recordações, entretanto, mais particularmente, destaco o Turíbio, o Madurvino, a Maria e o Nery⁴, porque os vejo um tanto mais fracos perante a luta que todos devemos enfrentar.

Querida filha, o nosso caminho não poderá ser outro. Trabalhar sempre, servir mais, esquecer ofensas e melhorar-nos com atenção. A verdade é que ninguém morre e aqui estou para comprovar.

A todos os nossos familiares envio muita consideração, no afeto por todos, rogando a você

receber os agradecimentos, com as alegrias e as saudades do seu pai.

Christino
Christino Portal
19.02.82

ELUCIDAÇÕES

- 1) Nair Rocha Dihl - Filha, cuidou do pai nos seus últimos dias na Terra.
Tornou-se espírita, e em 1981 após visitar Chico Xavier em Uberaba e conhecer seu trabalho assistencial, voltou a Porto Alegre e fundou o GECAN - Grupo Espírita Caminho da Água Nascente, para estudos da Doutrina e trabalho assistencial junto aos necessitados.
Por sugestão do pai, em mensagem posterior, extendeu-o a Santo Antônio da Patrulha, hoje funcionando junto ao Centro Espírita Fonte de Luz, fundado em 02.10.87.
- 2) Alexandrina Rodrigues - Sogra do sr. Christino.
Isabel Dias Nihl - Sogra de D. Nair.
Ambas desencarnadas há muitos anos em Porto Alegre - RS.
- 3) Delfina Rodrigues da Rocha - Esposa, com quem teve 10 filhos. Mora em Santo Antônio da Patrulha - RS.
- 4) Turíbio, Madurvino, Maria, Nery - Filhos.

Querida Nair:

Minha querida filha, Deus te abençoe com os teus ideais de bem-fazer. Estou vendo a turma de corações queridos formando os alicerces da obra humanitária que pretendes conduzir à frente. Yeda, Raul e Marcos¹ são partes integrantes da instituição que estão erguendo primeiramente no coração.

Lembro-me das nossas crianças em dificuldades na terra que nos merece tanto amor, Santo Antonio da Patrulha. Que o teu esforço na cidade grande possa ser abençoado por Deus e que consigas transportar a tua bandeira de solidariedade humana até lá, naqueles pagos iluminados de bondade e de esperança, são os meus votos.

Viestes até aqui, vencendo barreiras e entaves enormes e Nosso Senhor Jesus tomará em conta os teus anseios.

Deves partilhar o bem para que as lutas em andamento se transformem nas bênçãos que aguardamos. Filha, prossegue. Muitos amigos te abençoam e te auxiliam e eu, teu pai e servidor, na pobreza de minhas possibilidades, ergo

minhas petições ao Céu para que os recursos da Divina Providência te venham às mãos dedicadas ao trabalho, para que levantes no Sul a obra de fraternidade e luz em que te empenhas².

Meu abraço aos teus filhos do coração, espíritos ligados ao teu para a formação do lar em que retratarás nos melhores sentimentos de tua alma, consagrada ao socorro dos que choram e sofrem.

Filha querida, sê feliz e que Deus te abençoe sempre, são os votos do Papai e servidor sempre grato.

Christino Gomes Portal
19.02.83

ELUCIDAÇÕES

- 1) Yeda e Marcos - Netos, filhos de D. Nair e colaboradores do movimento espírita idealizado e desenvolvido pela mãe.
Raul Voges - Amigo da família. Gaúcho de Porto Alegre. Militante espírita em sua cidade. Não conheceu o sr. Christino.
- 2) Nesta mensagem, o sr. Christino sugere a extensão do movimento espírita idealizado pela sua filha Nair à sua cidade natal, Santo Antônio da Patrulha. O GECAN - Grupo Espírita Caminho da Água Nascente hoje lá atua, vinculado ao Centro Espírita Fonte de Luz.

FÁBIO MÁRIO HENRY

01.06.61 - Santo André - SP
25.08.85 - Cuiabá - MT



Fábio, jovem de hábitos simples, prestativo, apegado à família e aos amigos. Quando deixou o convívio do lar, cursava o quarto e último ano de agronomia na Universidade Federal do Mato Grosso.

O prestígio que desfrutava junto à direção da Faculdade, em face do excelente desempenho como aluno, fez com que fosse diplomado.

Filho do sr. Mário Duílio Evaristo Henry e de D. Hortência Henry, teve mais três irmãos: Dr. Lamberto Mário Henry, médico, casado com a sra. Maria de Fátima Santana Garcia; Dr. Pedro Henry Neto, médico, casado com a sra. Miriam Henry; e Ricardo Luiz Henry, solteiro, piloto da aviação comercial.

Relatam os pais que o primeiro contato com Chico Xavier foi doze dias após a sua desencarnação. Sem qualquer informação anterior a respeito, Chico lhes disse que naquele momento, duas senhoras, D. Maria da Conceição e D. Rosina, estavam presentes e que haviam socorrido o Fábio no Plano Espiritual. Trata-se da avó materna e bisavó paterna, há

muitos anos desencarnadas.

Depois, foram seguidas vezes a Uberaba, e em 23 de agosto de 1986 receberam a mensagem que trouxe aos familiares tanto conforto e esperança.

DEPOIMENTO

Apesar de sermos espíritas há muitos anos, a desencarnação de Fábio trouxe profundas alterações em nossas vidas.

As visitas a Chico Xavier, os esclarecimentos que nos fazia, a mensagem que nosso filho nos enviou, fizeram com que o vigor na fé se redobrasse, estimulando-nos para o trabalho doutrinário e assistencial, consequentemente dando-nos o privilégio de colhermos os frutos, traduzidos por um conforto espiritual muito grande, que nos tem permitido continuar vivendo...

Os pais

Querida Mãezinha Hortência, com o meu papai Mário, recebam os meus votos de paz e felicidade, com as bênçãos de Deus.

Mãezinha Hortência, todas as nossas provações já passaram. Aquele projétil acidental que me arredou da vida física se transformou em bisturi de benemerência, que me devolveu a harmonia e saúde ao coração.

Compareço aqui com o meu avô Pedro¹ - o nono Pietro - lembrando que na próxima semana, isto é, na segunda-feira próxima, completaremos doze meses sobre a minha liberação espiritual.

Mãezinha, não se aflija pelo pobre irmão, que inconscientemente manejou a arma contra o meu corpo, e não se antagonize com o nosso amigo Albano², que não nos abandonou ao sabor das circunstâncias, mas precisava se afastar do local onde meu corpo tombou desgovernado. Era natural que ele não ficasse à mercê de novas iras gratuitas.

Havíamos saído da danceteria com a alegria de dois estudantes que se regosijassem com aquelas horas de entretenimento e dialogáva-

mos com a alegria que desejo cultivar novamente à frente dele. Não permita que meus irmãos lhe julguem o comportamento com desacerto, porque o nosso prezado Albano não podia e nem devia permanecer no mesmo lugar que caí para não mais levantar. Não hospede o ressentimento em seu coração.

Mãe, você foi sempre o perdão e o entendimento para nós, os seus filhos. Não se admita ressentida com um amigo que para mim foi sempre um irmão.

Aqui estou ainda com a presença da vovó Rosina³ que é testemunha de tudo quanto lhe digo. Posso dizer-lhe, com permissão dos nossos Mentores da minha vida nova, que o bisavô Evaristo⁴, que atirou sobre o próprio peito, suicidando-se na Itália, sou eu mesmo, que tive o coração aniquilado por um tiro acidental.

E veja, querida Mãezinha, que já conquistamos algum progresso segundo as Leis de Deus. Na posição do chamado “nono Evaristo” despedacei o meu peito com um projétil, no suicídio, e resgatei minha dívida fora das

sombras da autodestruição, porque o tiro não partiu de mim contra mim mesmo, e sim de um irmão desconhecido, que fora das condições normais, já que se mantinha embriagado naquela madrugada de 25 de agosto passado, desfechou um tiro contra mim, sem a intenção de acertar-me.

O suicídio não foi resgatado com um outro suicídio, e, sim, com uma agressão involuntária, em que o próprio agressor ignorava o que fazia.

Tudo passou e estamos a caminho de uma vida melhor.

Agradeço ao irmão Lamberto o carinhoso cuidado de médico humano e competente que ele é, e peço-lhe dizer que o socorro não surgiu tarde, porque, em meu próprio benefício, não haveria medidas de salvação para o meu corpo frustrado.

Nobre Lamberto! Fez tudo para que o irmão revivesse, com alma e coração!

A ele, ao Ricardo e ao Pedro, o meu fraterno abraço com muitas saudades. E esperando, querida mamãe, que você apenas chore de

alegria e de agradecimento a Deus, com respeitoso afeto a meu pai Mário, peço-lhe receber o coração reconhecido, esmaltado de carinho e saudades, do seu filho, sempre o seu filho do coração.

Fábio Henry
23.08.86

ELUCIDAÇÕES

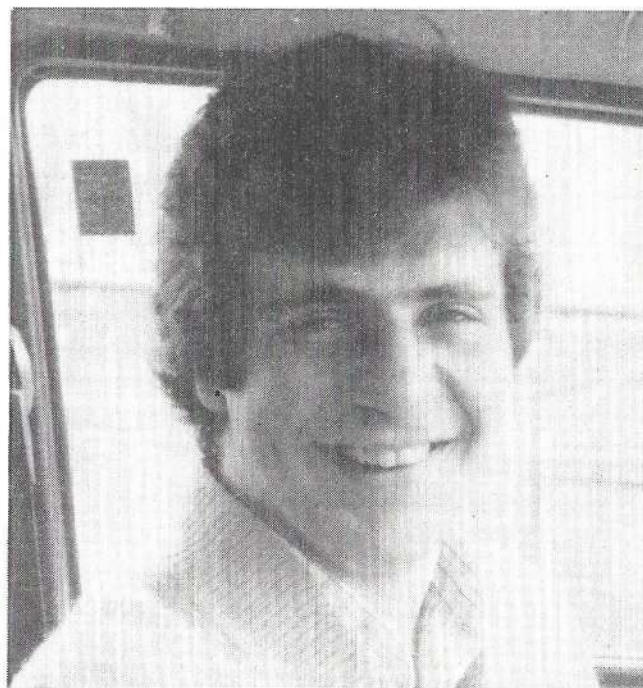
- 1) Pedro Henry - Avô paterno, nascido em Lucca - Itália, a 02.01.1897.
Chamava-se Pietro Henry. Posteriormente naturalizou-se brasileiro com o nome de Pedro Henry. Desencarnou em Santo André - SP, a 23.06.1964.
- 2) Albano Borges - Amigo de Fábio.
- 3) Rosina Giambastiani Henry - Bisavó paterna, nascida em Lucca - Itália a 30.12.1876. Casada com o Eng.º Evaristo Henry. Imigrou para o Brasil, vindo a desencarnar em São Bernardo do Campo - SP em 25.01.1950.
- 4) Evaristo Henry - Bisavô paterno. Nascido em Lucca - Itália a 09.02.1871.
Engenheiro ferroviário, funcionário do governo italiano, suicidou-se em 08.02.1920 em sua terra natal, onde trabalhava, com um tiro no coração.

Através da mediunidade de Chico Xavier, inspirada pela Espiritualidade Maior, tem-se a oportunidade de compreender a importância da reencarnação no ajuste dos erros cometidos, em face do livre arbítrio que nos impulsiona para o aprimoramento do espírito, através das vivências reencarnatórias.

GILBERTO TEIXEIRA DA SILVA JÚNIOR

08.10.61 - São Paulo - SP

19.03.83 - São Paulo - SP



Beto, amigo da música, da família, conseguiu, a despeito da pouca idade, um relacionamento maduro, elevado, polarizando em torno de si a atenção e carinho dos amigos.

A mãe, D. Jacy Aparecida Guidoni da Silva, o pai, Dr. Gilberto Teixeira da Silva, advogado, o irmão, Fábio Luiz Teixeira da Silva, e a esposa Nátalie Menezes Teixeira da Silva, formaram com Beto a família que o amparou e engrandeceu diante da Vida Maior.

No meio universitário, cursava o último ano da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie. A estima, carinho e respeito que os funcionários, colegas, professores e diretores lhes demonstravam, traduziram-se na perpetuação de uma das salas do edifício da Faculdade com o nome de "Gilberto T. da Silva Jr."

DEPOIMENTO

Felizmente fomos amparados por vários amigos, e D. Yolanda Cesar nos fez chegar ao querido Chico Xavier.

Através das mensagens psicografadas, onde recebemos provas das mais variadas possíveis, é que conseguimos acreditar que a vida continua...

É interessante relatar um fato curioso que ocorreu numa das idas para Uberaba. Ao regressarmos do Grupo Espírita da Prece para o hotel, verificamos num muro de um terreno baldio escrito o seguinte:

"Dói de tanto medir a distância e saber que não vou te tocar além da lembrança."
Assinado: Beto.

Para finalizar, com o coração agradecido e cheio de saudades, queremos levar aos leitores deste livro, muita esperança, fé,

e principalmente sentir o que sentimos: segurança com a presença querida de Chico Xavier em nossas vidas.

Querida Mãezinha Jacy, querido papai Gib, querida Nátalie¹ e querido Fábio. Estou enfileirando o nome de todos os corações mais chegados ao meu, aproveitando a clareza da memória.

Mãe Jacy, você é um prodígio, acreditando que seu filho Beto seja maravilhoso. A conceituação é do carinho materno e isso se compreende muito bem. Imagine você, mãe, que tudo na existência de seu filho foi demasiado rápido.

Estudei um tanto, sempre às pressas, porque as circunstâncias da saúde variavam à maneira do vento. Tive a felicidade de aconchegar-me ao seu devotamento e à bondade de meu pai por tempo curto.

A infância de menino chorão precedeu uma juventude sempre assustada. Quando mal me preparava para o comecinho do trabalho profissional, a leucemia se me apegou ao campo orgânico, dentro da indesejável fidelidade de um vampiro.

Tratamentos me deram a impressão de que vivia andando nos comboios antigos, fa-

zendo baldeação de uma estação para outra, procurando o ponto de cura que não apareceu.

Notei que a vida me apressava em tudo e, já que os sonhos da primeira mocidade me nasciam no peito, comecei a buscar aquela que me seria a companheira de aflições e de esperanças.

Encontrei um anjo em nossa Nátalie.

O namoro não podia ser demorado, porque a leucemia andava me vigiando. Às vezes, para não amedontrar a namorada, agüentava dores que não constam no gibi. Agüentava firme, já que não desejava perdê-la.

Anunciei aos queridos pais assombrados, com a minha autoconfiança, a disposição de casar-me.

Você, Mãezinha Jacy, com o meu pai Gilberto, mais por pena do filho, que ousava guardar a expectativa de ser feliz, acabaram concordando com o meu casamento.

A própria Nátalie, que sabia desposar um doente, percebeu a minha situação e quis ofertar-me a felicidade que eu não teria.

Não me lembro com exatidão se tivemos

a famosa lua-de-mel. É difícil pensar em horas tranqüilas de amor com o abatimento físico e as injeções de permeio.

Meu enlace, com vários telegramas que me prediziam um “feliz enlace”, perdurou apenas por um mês, que passou num abrir e fechar de olhos.

Não me rendia ao ataque incessante da megera que me espreitava. A morte, que me perdoe o adjetivo, mas aqui entre nós, ela é megera mesmo.

Lutei como se tivesse as garras de uma onça, dentro de minha fraqueza que progredia sem parar. Lutei, defendendo aquilo que eu considerava o meu direito de ser feliz.

Vendo os pais queridos e a querida esposa, cada vez mais extenuados e mais aflitos, lutei, repito, até que não pude mais.

Reentrar num corpo que me expulsava, se me fez impossível. Conquanto o medo de que me vi dominado, suportei a barra, numa dúvida cruel sobre os lugares depois da desencarnação, até que meu avô Luiz² me acolheu e me criou certa noção de rumo.

Recordar meu corpo enfermo seria loucura. Impraticável qualquer acordo com ele que terminou por se acomodar num recanto da terra, à feição de um tatu, que eu não tinha qualquer vocação para ser.

Felizmente, o meu avô e outros amigos não se encorajaram a me falar do desprendimento da vida física. Já sabia de tudo.

Para quem sabe ler, uma vírgula é uma revelação.

Meu avô sabia que eu nada queria com os chamados Espíritos Imortais. Respeitavá-lhes o brilho e as vitórias, mas conhecia suficientemente a minha inabilitação para ombrear com essas almas.

Afinal, o que eu queria mesmo era voltar para a casa e ser como eu era. Entretanto, faltava-me o instrumento. Isso não me desanimou.

Passei a freqüentar escolas que funcionam na própria cidade, para recém-desencarnados, e morava em nosso lar do Cambuci.

Compreendi que a minha permanência seria curta porque a família propendia para a

mudança. Do número 383 da rua Mazzini, pulei para o número 105, a fim de não perdê-los³. Entretanto, sentia-me doente, abatido, fatigado.

Meu avô julgou prudente que me afastasse da nossa casa. Nada me impôs. Apenas me informou que o meu problema não mais se relacionava com a medicina terrestre, pois no corpo espiritual a ação medicamentosa teria de ser de natureza idêntica. Entretanto, não me violentou o pensamento.

Deixou que me decidisse.

Pensei bastante e reconheci que de pouco me valeria continuar freqüentando uma escola em cujo esquema de lições, não conseguia situar a minha atenção, porque a dispnéia me sufocava, de quando em quando.

Muitas vezes procurei Nátalie com saudades da querida esposa de um mês, mas se as lágrimas quisessem atingir os meus olhos, considerava uma covardia impregnar a querida companheira com tristezas e aborrecimentos que nada fizera para carregar consigo.

Voltava a nossa casa e, por fim, reclamei em petítório firme a presença de meu avô, e resolvi seguir com ele para um instituto de tratamento, nos arredores da cidade.

A enfermagem funcionou com precisão. Voltaram as agulhadas e as aplicações de sondas para observação.

A leucemia continua abalada e fazendo planos de me deixar, no entanto, persistia. Entreguei-me a um tratamento com o qual não contava.

Durante quatro meses passei por diálises bi-semanais que me acabrunhavam. Meu sangue era retirado para ser retemperado em recipiente próprio e depois voltava ao meu sistema vascular, com uma dor para a qual era inútil que eu solicitasse sedativos.

Devia readaptar-me à minha própria natureza, diziam os mentores médicos mais experientes. Nada que me proporcionasse alívio imaginário, porque as células de meu novo corpo não retomariam a normalidade precisa.

Afinal, depois de quatro meses de sofri-

mento e valentia suposta, estava sem traços da moléstia que se me fizera hóspede por tanto tempo.

Novos tempos.

Comecei o aprendizado de noções de espiritualidade, porque, com toda a minha fé em Deus, chegara ao “outro mundo” na condição de analfabeto das questões da alma. Passei a interessar-me por trabalho. Fui encontrar a família na Bela Cintra.

Nunca imaginara que tivéssemos resistência para tantas mudanças.

Sempre visitei Nátalie, agora mais animado. Junto dela, faço votos a Jesus para que ela, sempre generosa e compreensiva, seja feliz.

Conversava com os pais pelo pensamento, e notei que o Fábio se enfraquecia.

Hoje, venho dizer-lhes que ando melhor.

Meu avô considerou-me a conveniência de permanecer em trabalho, junto de meu pai, a fim de me preparar, com o objetivo de viver em lugar mais adequado aos meus sonhos de paz e alegria.

Para isso, era preciso devotar-me.

Devotar-me aos semelhantes que sofrem e choram. Meu avô explicou que isso não me faltaria.

Segui o papai Gib, quantas vezes pude, para servir no Forum. Encontrei um amigo que me foi apresentado por meu avô, o Dr. Pedro Monte Ablas⁴, que foi no mundo um magistrado profundamente cristão.

Trabalharia com meu pai e com ele.

Apreendi que o Forum é a Santa Casa dos aflitos. Eu que conheci o serviço de meu pai, do advogado para os clientes, agora, me desenvolvo em colaborar pela paz dos clientes, aprendendo que outras são as atividades dos clientes para os advogados.

Dia inteiro quase, visito viúvas espoliadas, órfãos esquecidos, crianças abandonadas com avós inseguros e doentes, observo as aflições daqueles que aguardam por meses e meses o despacho em processos que se lhes faz necessário ao pão de cada dia.

Aí, às vezes choro, de outras, me rio das perturbações humanas em que estamos todos enfiados.

E o serviço prossegue.

Você, Mamãe Jacy, queria notícias do seu Beto, pois aí estão, resumidas, embora esteja escrevendo aqui um noticiário cacete para quantos se encontram com o almoço e com o lanche garantidos.

No entanto, é útil que todos saibam que a morte sem preparo religioso não é moleza.

Estarei trabalhando pelas melhoras do Fábio, mas é justo que ele coopere seguindo as instruções médicas que lhe indicam fortificantes.

Penso, porém, que, se aqui ninguém me obrigar a tarefa nenhuma, respeitando-me a vontade, não serei eu que me arvorarei em sabichão para dar conselhos ao irmão que tanto estimo. Se ele perceber a importância de um corpo sadio na Terra, renderei graças a Deus.

E agora, papai Gib e querida Mãezinha Jacy, transmitam por favor, o meu carinho à nossa estimada Nátalie, e recebam muitos beijos do filho saudoso e agradecido.

Beto

Gilberto Teixeira da Silva Júnior

17.08.84

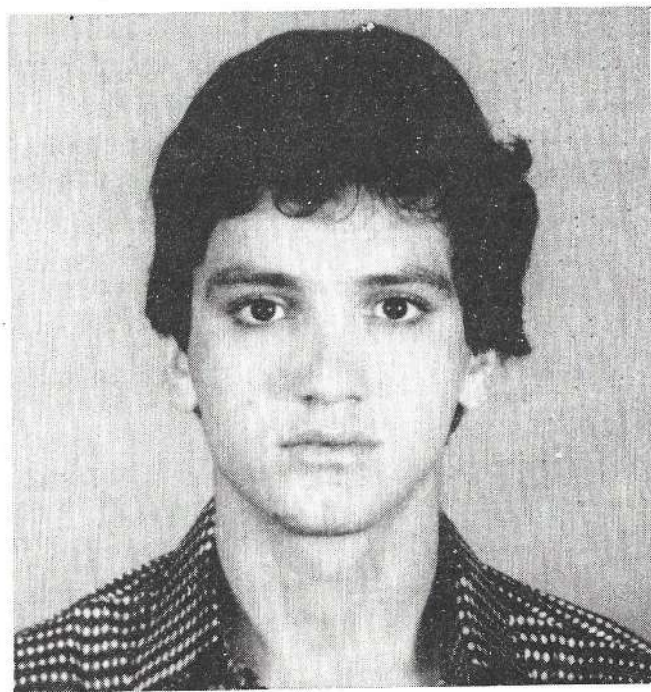
ELUCIDAÇÕES

- 1) Nátalie de Menezes Teixeira da Silva - Esposa. Em face do estado de saúde de Gilberto, resolveram casar-se e, após um mês e meio do enlace matrimonial, Beto desencarnou. Na ocasião, Nátalie cursava também a Faculdade de Direito.
- 2) Luiz Guidoni - Avô materno, desencarnado em 1963.
- 3) Refere-se à mudança de domicílio dos familiares. Fato totalmente desconhecido do médium.
- 4) Dr. Pedro Monte Ablas - Não identificado pelos familiares do Gilberto.

WELLINGTON RAMON MONTEIRO RODRIGUES

26.01.58 - Ourinhos - SP

07.06.79 - Rodovia Piratininga - Bauru - SP



Filho caçula do Dr. André Monteiro Rodrigues e D. Helena (Edna) Monteiro Rodrigues. Os irmãos André, Adilson e Márcia completam-lhe o círculo familiar que cultivou com tanto amor em sua curta existência.

Na ocasião, cursava a Faculdade de Engenharia de Bauru, no interior paulista.

Neste livro, publicamos uma das mensagens recebidas pela mediunidade de Chico Xavier, onde extravasa seus sentimentos, colocando-se em privilegiada posição espiritual, que lhe permitiu a participação em importantes socorros promovidos por abnegadas entidades do Plano Maior.

O profundo conteúdo de suas cartas mediúnicas, podemos senti-lo no depoimento do pai, que mostramos a seguir.

DEPOIMENTO

A princípio toda a família não se conformava.

Com o passar do tempo, amigos espíritas, que nos visitavam, traziam notícias do Wellington e do Carlinhos*. Aceitávamos tudo, mas não nos conformávamos.

Por sugestão de um médico amigo, Dr. José Apolinário, fomos a Uberaba procurar Chico Xavier.

Dentro da Casa do Chico, tive a felicidade de ouvir que o Wellington estava presente, em companhia do avô, sr. Oswaldo, meu pai... Neste momento, não me contive, e as lágrimas encharcaram-me a face.

À noite, já na reunião, Chico psicografou a primeira mensagem do meu filho. Ouvi sua leitura em prantos...

No local, havia cerca de duzentas pessoas. Pedi a palavra, e naquele momento fiz minha profissão de fé. Disse que ao Espiritismo uns vão por amor, e outros pela dor. Tinha ido pela dor, com a perda do filho estimado, mas graças a Deus fui...

À medida que falava e chorava, contagiava a todos, e o choro foi um só.

Naquela época, pouco conhecedor do Espiritismo, nada sabia explicar.

Passei a partir daí a abraçar a Doutrina Espírita, freqüentando reuniões em casas de amigos e em centros espíritas.

Hoje tenho condições de dizer que o mérito não era meu e sim do Wellington, que já se encontra na Espiritualidade vinculado a entidades socorristas, praticando o bem, o que sempre fez quando de sua existência terrena.

André Monteiro Rodrigues

* Amigo também vitimado pelo acidente.

Querida Mãezinha, com meu pai, receba o meu pedido de bênção.

Ainda me sinto muito desnordeado para escrever, mas o meu avô *Oswaldo*¹ insiste para que eu lhes envie algumas notícias e não posso recuar.

Peço-lhes não chorarem com tanta expressão de sofrimento - e chamarem por mim.

Realmente, o problema foi uma parada difícil de resolver. Tive a idéia de que nos achávamos num pano de bilhar. Os carros eram as nossas bolas para pontos felizes e infelizes.

Toquei para determinada direção, mas outro veículo nos acertou em cheio. Desejei socorrer o *Oldack*², mas nada consegui. Não sei quanto tempo perdurou aquela minha situação de sono enfermiço, recolhendo as mais estranhas sensações. Queria manter-me aceso, mas nada consegui. Um sono profundo, traçado de sonhos em que tudo me vinha à memória, desde os meus primeiros dias de criança, empolgou-me totalmente.

Não tive outra saída, senão cair num torpor esquisito, no qual, se falei alguma coisa, foi

claramente sem pensar. Depois de um tempo (que julgo longo) acordei numa tarde agradável. Conheci o lugar. Era o Jardim Melo Peixoto³, propício à meditação e aos bons pensamentos. Quis arrancar-me de lá para casa, mas não consegui. Parecia que eu entrara em outros processos de existência, no campo da gravitação. Reconheci-me preso à terra e, sentado, esperei que alguém me orientasse nos passos de volta ao lar. Muitas pessoas passaram por mim. Mas não me viam e nem me ouviam.

Estranhando o caso, e com a minha recordação do acidente a me empolgar o pensamento, continuei esperando... até que meu avô Oswaldo surgiu à minha frente, com dois amigos que se identificaram na condição de amigos dele, de nome *Cristone* e *José Fernandes Grillo*⁴, que me convidaram para acompanhá-los. E surpreendi-me, porque entrelaçando o meu braço com o de meu avô, senti-me leve de inesperado, buscando junto deles o refúgio onde me vejo ainda em tratamento.

Estou melhor, mas nada sei do Oldack.

Tenho tido poucas oportunidades de ausentar-me do instituto em que me vejo resguardado, mas meu avô Oswaldo me declarou que seria valioso trazer-me para um encontro já pedido, de modo a comunicar-lhes que vou indo bem, porque estou seguindo melhor. Quisera saber muito para falar menos um pouco sobre a morte, mas ainda não tenho recursos para isso. Esperemos que o tempo me prepare com mais esperança. Posso, porém, dizer-lhes que o nosso corpo aqui não está isento dos resultados difíceis que remanescem dos acidentes.

Não temos um corpo de impressões, e, sim, um veículo de manifestação com fisiologia maravilhosamente organizada. E a qualquer estrago obtido no mundo, nos casos de impacto, somos obrigados a tratamentos laboriosos, como acontece em qualquer hospital de Ourinhos.

É um mundo novo, com faculdades novas a servir-nos, mas não disponho de outro recurso, senão aguardar a passagem do tempo, a fim de fazer as minhas próprias averiguações.

Queridos pais, especialmente você, querida Mãezinha: não me esqueçam em suas preces. Isso é um empreendimento de imenso valor, porque as recordações construtivas do mundo nos infundem mais esperanças e mais fé no futuro.

Não posso escrever mais, por hoje. Meu bisavô Rodrigues⁵ - que está conosco - e meu avô Oswaldo lhes deixam saudades carinhosas. E, de minha parte, peço receberem todo amor e todo o reconhecimento do filho ainda em convalescença e que espera restaurar-se depressa, para ser-lhes útil.

Sempre o filho reconhecido,

Wellington

Ramon Monteiro Rodrigues

29.09.79

ELUCIDAÇÕES

- 1) Oswaldo Ferreira Rodrigues - avô paterno, desencarnado em Curitiba-PR, a 09.09.33.
- 2) Carlos Oldack de Bem - Carlinhos - amigo que desencarnou no mesmo acidente.
- 3) Praça pública de Ourinhos-SP.
- 4) Francisco Cristone - Político local e José Fernandes Grillo, antigo morador da cidade, desencarnados há vários anos.
- 5) Salvador Antônio Rodrigues - Bisavô paterno, desencarnado em Curitiba-PR.

SOLANGE VICTORETTI

12.03.55 - Sorocaba - SP

11.04.75 - Sorocaba - SP



Solange sempre demonstrou profundo amor pela vida, respeito e carinho pelos semelhantes, excessiva preocupação com o comportamento do homem na Terra, direcionando seus sentimentos à velhice desamparada, à criança, e às conseqüências das guerras para a humanidade.

Com a irmã Irani, os pais, Adilico Romeu Victoretti e Acaccia Machado Victoretti, constituiu sua família, de sólida formação cristã, permitindo que sua vocação de servir ao próximo se desenvolvesse com mais naturalidade.

Nos estudos, voltou-se para a matemática, cursando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, quando da sua desencarnação.

O respeito que granjeou junto aos colegas, funcionários, professores e a direção da faculdade, confirma-se em carta protocolar que a família recebeu: "A direção, professores, funcionários e alunos da Faculdade, servem-se desta para externar suas sinceras condolências pelo falecimento da exemplar e saudosa aluna Solange".

DEPOIMENTO

Os nossos agradecimentos (pais e familiares) aos queridos irmãos de Uberaba pelo contentamento que nos proporcionaram, e que Deus lhes pague.

Ao irmão Chico Xavier, que Deus ilumine sua mente, para que possa dar conforto às pessoas que sofrem.

Meus queridos mamãe, papai, Irani¹, estou em preces, rogando a bênção de Jesus para nós.

Estou em dificuldades grandes para falar escrevendo. Difícil explicar o que não conhecemos. Quase impossível dizer o que não se falou até agora. Entretanto, sei que não me encontro na vida física e uso a linguagem comum. Sinto-me amparada, sustentada.

Hora de abecedário de novo, em que me reconheço criança. Amigos me auxiliam e vovó Santa² me guarda.

Tenho lágrimas, papai. Quero dizer ao senhor e à Mãezinha que saí melhor do hospital, embora sem o corpo cansado daqueles dias que pareceram intermináveis. Ansiava pelo descanso. Percebi que soros e injeções não conseguiram levantar a vestimenta estragada com tantas surpresas para nós todos.

Vinha do colégio com tanta vontade de estudar mais, de vencer o 2º ano e guardava alguns problemas de matemática que me pareciam quase invencíveis. Não queria falhar, papai. Queria mostrar ao senhor e à Mãezinha

que não andava desperdiçando recursos. Entretanto, Mãezinha, tudo foi rápido. Quando me vi atirada no chão, apenas notei que um carro branco acelerava a marcha...

Quis gritar, falar, mas não pude. Aos poucos, a consciência mudou para um estado de sonolência. Sentia dor, mas não muita. Compreendi tudo, querida mãe, seus pedidos para que sua filha acordasse, suas preces para que Deus me levantasse. Ouvi as palavras de papai, as exclamações de nossa querida Irani e as frases de amor e simpatia de todos os que me visitavam nas primeiras horas de hospital...

Depois, notei que me isolavam de todos, mas aquelas observações e tratamentos do fim me doeram muito, como se eu estivesse sendo chamada à vida, sem poder formular qualquer resposta. Mas naquelas horas difíceis, as orações estavam comigo.

Oh! Mamãe, papai querido, minha querida irmã, muito grata por tudo de bom que me ensinaram na fé. Com as preces que ficaram repetidas em meu coração e em meu pensamento, venci sem desespero. Lembrava-me

do meu livro de missa e rearticulava, palavra por palavra, as orações do meu relicário de devoção. Frei Ernesto³ e outros amigos, tantas irmãs da bondade consagradas a Deus me clareavam a lembrança...

Por fim, compreendi que o corpo não suportava mais. Dormir eu não conseguia, apesar de parecer que nada experimentava. Notava as mãos que me tomavam o pulso e escutei as palavras abençoadas dos que pediam a Deus por mim. Estava, porém, tão cansada que a idéia da morte não mais me surpreendeu.

Vi que uma nuvem esbranquiçada se formava sobre a minha cabeça e aos poucos essa névoa invadiu o leito. Tudo desapareceu do recinto, mas outros quadros apareceram. Vi minha avó Santa e tia Maria⁴, que não reconheci de imediato a me sorrirem. Perguntaram se eu tinha medo e porque mostrasse a minha situação com o meu pensamento, disseram para que eu pensasse em Jesus, como se estivesse na igreja, que eu pensasse tanto, até que só visse na idéia a imagem de Nosso Senhor. En-

tão meditei com todas as forças que me restavam.

Sem palavras, que eu não sabia mais como articular, roguei a Jesus que me desse por fim o repouso, e consolasse os meus pais e minha querida Irani, que me perdoasse as faltas que eu houvesse cometido e, então, um sono brando me acalmou sem eu saber como...

Em seguida, mamãe, sei apenas dizer que mais tarde, convalescente, fui encontrar todos na rua Felipe Camarão⁵ para nosso abraço. Papai e mamãe, vocês oravam e choravam. Confesso que tenho lutado para vê-los conformados. Não chorem por mim. Tudo se passou decerto como devia ser.

Em 4 meses de vida nova, com mais tempo de tratamento que outra cousa, pouco sei para falar do mundo novo em que me vejo. Posso afirmar, porém, que tenho encontrado afeições queridas. Minha vovó Santa me deu tanta gente boa a conhecer. O irmão Machado, o irmão Romeu⁶, serão nossos parentes? Ainda não sei. Tratam-me por filha e neta a quem muito amam.

Tia Maria me ampara e me ensinou que nenhum ressentimento se deve guardar em situações como a que vivi. Lembro-me que em nossa família falavam com carinho do que tia Maria havia sofrido. Pois hoje, papai, sou eu quem roga ao senhor e a mãezinha para não procurarem a pessoa que desapareceu quando caí na rua. Hoje sei que ninguém faz o sofrimento dos outros conscientemente. O carro branco deve ter sido instrumento de Deus para que eu voltasse à Vida Espiritual conforme as leis que ainda não conhecemos.

Peço-lhes. Lembrem-me com aquela alegria de quem desejava lecionar matemática, lembrem-me procurando aprender e progredir. Esqueçam aqueles quadros que duraram 10 dias, nos primeiros dias de Abril, e guardemos a certeza de que a morte não existe. Vejo aqui tantos amigos bons, mas a memória ainda não está muito exata. Mas reconheço minha tia Ana, minha tia Leonilda, lembrando o meu tio Belluci⁷.

Já abracei Irani e peço a Deus por ela e pelo nosso caro Ribeiro⁸ e pelos nossos cora-

ções queridos do lar. Se algum nome não estiver bem articulado, a culpa é minha. Estou ainda como quem não se curou totalmente.

Papai e mamãe, rogo outra vez: não chorem mais. Distribuam minhas lembranças e dos retratos, quando me buscarem com os olhos, pensem que estou melhorando para ser a filha que tanto desejava ter ficado aí para auxiliá-los e para ajudar os meus queridos sobrinhos.

Rezem sempre. A oração foi uma riqueza que nem o corpo quebrado me conseguiu tirar. Papai, veja: estou beijando o senhor outra vez para pedir a sua bênção; mamãe, note sua filha no abraço em que o seu coração pulsava dentro do meu. Vivam felizes. Irani e os nossos precisam da presença e do carinho de todos e eu também.

Os mortos não existem. Estamos vivos de outro modo. Quando vi o senhor, papai, e mamãe querendo morrer por minha causa, senti-me pior do que no hospital. Seja o amor ao próximo a nossa sala de encontro. Lembrem-se de outras moças, as que estão lutando para

sobreviver na condição de boas filhas e procurem ajudá-las.

Não posso escrever mais. A força de que dispunha está parecendo uma pilha ou uma coleção de pilhas a se enfraquecerem. Agradeço a todos os que me auxiliaram a escrever.

Irani querida, tome o meu lugar no auxílio aos nossos pais queridos. Papai e mamãe, recebam com a nossa querida Irani muitos beijos da filha que lhes beija as mãos, pedindo como sempre a Deus que nos fortaleça e nos abençoe.

Abraços e beijos com todo o coração da

Solange
Solange Victoretti
15.08.75

ELUCIDAÇÕES

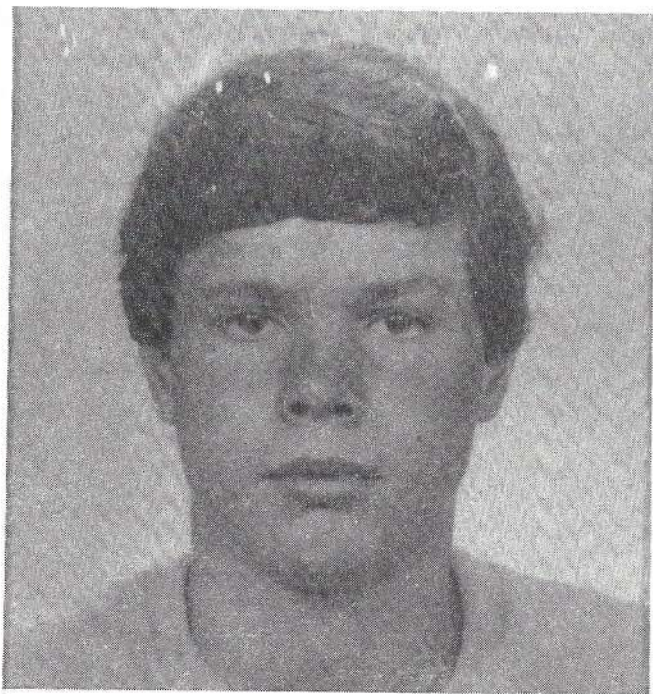
- 1) Irani Victoretti Ribeiro - Única irmã de Solange. Casada com o Eng^o Horácio Ribeiro Filho.
- 2) Santa Bornia Victoretti - Bisavó paterna. Residia em sítio na cidade de Laranjal Paulista. Era parteira, muito caridosa, prestava socorros aos necessitados. Desencarnou há mais de meio século.
- 3) Frei Ernesto - Muito estimado em Sorocaba. Da Igreja do Bom Jesus. Assistente Espiritual do Hospital das Clínicas de Sorocaba. Desencarnou em 22 de setembro de 1975, portanto, 5 meses após Solange.
- 4) Maria da Conceição Machado de Oliveira - Tia materna, desencarnada em Sorocaba - SP aos 10.01.1939.
- 5) Rua Felipe Camarão - Local onde a família reside.
- 6) Antônio Florêncio Machado - Avô materno. Desencarnado há mais de 60 anos.
Irmão Romeu - Não identificado pela família.
- 7) Ana Palhás Victoretti - Casada com o tio paterno, Basílio Victoretti.

Leonilda Victoretti Belluci - Tia paterna, casada com sr. Rosalino Belluci, o tio Belluci, citado na mensagem.

- 8) Eng^o Horácio Ribeiro Filho - Cunhado de Solange. Já mencionado.

MAURÍCIO CHACON

01.04.68 - São Paulo - SP
 08.02.86 - São Paulo - SP



Por ocasião do acidente, Maurício cursava o 3.º colegial, na Escola Estadual de Segundo Grau “Rocha Marmo”, na Capital Paulista.

No lar, sempre demonstrou amor, carinho e muito respeito pela família. Com o falecimento do pai, a responsabilidade aflorou-lhe com maior nitidez, não o inibindo perante os compromissos que a presente existência passou a cobrar-lhe, apesar de muito jovem.

Muito alegre, comunicativo, aglutinou em torno de si um rol respeitável de amigos, reverenciados em sua carta mediúnica.

A desencarnação abre-lhe as portas do Mundo Espiritual, reencontrando em seu pai, Wilson Chacon, a certeza da continuidade da vida e da família...

Aqui na Terra, a mãe, D. Aduzinda de Andrade Chacon, os irmãos Wilson e Regiane, completam-lhe o núcleo familiar.

DEPOIMENTO

"Foi maravilhoso, senti meu filho ali, mais próximo de mim do que quando estava aqui na Terra.

Obrigada, meu Deus, obrigada, Chico Xavier, obrigada às minhas amigas que tudo fizeram para que eu lá chegasse. Obrigada Maurício por me confortar com todo seu carinho espiritual, prevendo, no futuro, todos nós unidos outra vez.

Que bom! Que maravilha! Como Deus é bom!

Deus permita que muitas mães em desespero tenham a mesma oportunidade que eu tive, de conhecer Chico Xavier."

Querida Mãezinha, abençoe-me. Estou aqui com meu pai Wilson e com a vovó Aduzinda¹, no intuito de tranquilizá-la.

Não desejo falar da minha despedida que se revestiu de tanto barulho. Os que saem da Terra, em razão de acidentes, são obrigados a suportar a barra das opiniões mais contraditórias e, não desejo minudenciar ocorrências que já passaram, restituindo-nos tranquilidade para viver.

Queria, porém, escrever, qual faço agora, a fim de solicitar a sua intervenção para que os nossos amigos mais íntimos não culpem os meus amigos Roberto, Zeca, Mário Sérgio² e outros, de fatores desencadeantes de provações que desabam sobre mim. O Roberto foi sempre um bom amigo e desejo que ele e os demais sejam respeitados, sempre que se trata de meu nome.

Acidentes ocorrem em qualquer parte do mundo e se não fossem as experiências de risco, creio que não teríamos, no mundo, a excelência dos automóveis e dos aviões que nos transportam de uma região para outra com a

maior facilidade.

Alguém deve pagar o preço e creio que todos os acidentes são louváveis movimentos de aprendizado.

As saudades do seu carinho de mãe e da presença dos meus irmãos está comigo, como não podia deixar de ser, mas um dia, quem sabe?, Estaremos de novo todos juntos, buscando melhorar tudo o que somos e temos, para que sejamos a lanterna acesa que clareia as estradas de quantos nos compartilhem a vida.

A vovó Aduzinda tem sido para mim uma bênção e uma protetora de todos os instantes. Ela lhe deixa muito carinho e eu lhe peço receber com meus irmãos, os beijos de saudade e gratidão, amor e paz do filho sempre reconhecido.

Maurício Chacon

— Mãe peço dizer ao meu irmão Wilson que estamos sempre juntos.

Maurício
10.Maio.86

Feliz Dia das Mães!

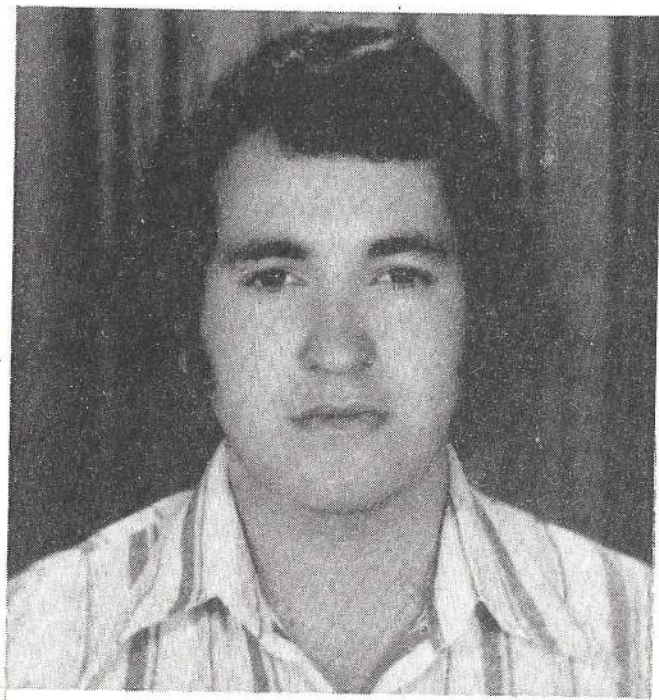
ELUCIDAÇÕES

- 1) Wilson Chacon - Pai de Maurício e Aduzinda Lopes de Andrade, avó materna, falecidos respectivamente em 28.09.79 e 05.10.77.
- 2) Roberto Csanzes Morales, Willian Bloves Correa (Zeca), Mário Sérgio de Andrade Gusmão - primo e amigos de Maurício. Juntos se dirigiam à Sociedade Esportiva Palmeiras, para participarem do baile carnavalesco, quando ocorreu o acidente que vitimou Maurício.

DEJAIR FERNANDO ROSA - Bimba

30.05.51 - Indaiaporã - SP

26.06.80 - Anápolis - GO



Bimba, como era carinhosamente chamado, morou em Votuporanga, interior paulista, até a adolescência. Aos 17 anos mudou-se para Goiás, onde concluiu o curso básico, ingressando na Faculdade de Economia, cursando-a até o terceiro ano.

Filho de Jerônimo Romualdo Rosa e D. Esmeralda Navarro Rosa, teve mais três irmãs: Aparecida Dorothei, Djanira e Dayse. Foi casado com D. Eliana Maria da Silva Rosa e tinha três filhos: Ludmila, Jerônimo Neto e Leonardo.

Na vida em si, era muito responsável, preocupado com o destino das pessoas, sobretudo os idosos. Extremamente caridoso, jamais negando auxílio a quem quer que fosse, conquistando simpatia e respeito de todos os que com ele conviveram.

DEPOIMENTO

Eis o que revela D. Esmeralda Navarro Rosa:

Quando recebi a notícia da desencarnação de meu filho, achei que não iria resistir pois, meu marido, quatro anos antes havia falecido, vítima de afogamento, e me apeguei muito a meu filho. Mas Deus é bom demais e me deu forças para continuar batalhando. A Doutrina Espírita, que eu abracei, muito me ajudou. Depois da mensagem, ficamos tão felizes, que estamos aprendendo a viver novamente.

Toda a família fica desde já agradecida pela divulgação da mensagem de Dejair, esperando que permita nascer esperanças nos corações das pessoas que perderam algum ente querido.

Querida mamãe Esmeralda, peço que me abençoe nas orações a Deus, revigorando-me para a vida nova a que devo atender.

Ainda me sinto desambientado, inseguro. Deixar tudo o que mais amamos inesperadamente, qual se uma sentença inexplicável nos despejasse do corpo físico, é algo de indescritível, para quem, quanto eu, queria viver e seguir adiante, com a nossa Eliana e com os queridos filhinhos.

Estou certo de que foram os pensamentos da mamãe, nas preces, que moveram meu pai Jerônimo a trazer-me aqui para notícias. Posso dizer que estou empregando o melhor de mim mesmo para me adaptar.

Quero, com resolução e obediência aos desígnios de Deus, render-me à evidência, e aceitar os acontecimentos, tais quais são, no entanto, a família querida me perdoará se ainda choro. A morte do corpo é uma espécie de despojamento integral, que, de certa forma, nos compele à condição de criança, psicologicamente.

É por isso, Mãezinha Esmeralda que,

tantas vezes, desprendo-me do que sou para voltar a ser o seu filho necessitado de proteção e carinho, tanto quando na infância. Não sabemos o que seja segurança sem os pais queridos ou sem aqueles tutores da família ou da amizade que os substituam.

Pelo que consigo dizer, embora a minha intenção de não impressioná-los com lamúrias quaisquer, vocês entenderão quão difícil vai sendo para mim a renovação.

A princípio, tudo me pareceu alucinação e doença. Gastei muitos dias para admitir que o corpo habitual ficara na Terra e que me servia de veículo original que me moldava a casa frágil de recursos físicos que, na condição de espírito, eu então habitava.

Se lhes posso rogar alguma providência em meu auxílio, estendam-me socorro adequado para que me veja ausente do quadro final, em que as forças da vida, certamente satisfazendo os imperativos das leis que nos governam, me subtraíram a faculdade de permanecer com vocês no plano físico. Preciso refazer-me espiritualmente, compreendendo que

tudo se define no mundo por empréstimo de Deus, em nosso favor.

Preciso entrar em semelhante conceituação e prossigo fora de órbita, acreditando na posse ilusória de tudo o que usufruí de modo a aprender que todos somos de Deus e que nos compete responder afirmativamente aos desígnios do Senhor.

Peço seja dito à nossa querida Eliana, a esposa querida, que continuo vivendo e que estou agradecido por todas as bênçãos que ela me proporciona, consagrando-se aos nosso filhos inesquecíveis.

Rogo a ela não se admita sozinha ou abandonada. Deus não nos abandona; Ludmila, Jerônimo Rosa e Leonardo formam a nossa constelação de carinho que o céu abençoa. Dias melhores surgirão.

Mãezinha Esmeralda, peço ao seu coração querido, ao nosso caro Jerônimo Neto e a todos os nossos, para que em nós todos renasçam apenas os nossos votos de gratidão a Deus por havermos recebido a felicidade da existência, juntos uns dos outros, para que o nosso

amor crescesse a ponto de produzir esta saudade imensa que hoje significa em meu espírito um precioso incentivo ao trabalho, a começar de minha própria recuperação. Estamos unidos. Confiemos.

Tenho aqui muitos amigos que auxiliam na transição em que me reconheço, mas, por enquanto, me identifico mais facilmente com o papai Jerônimo que me aguardava com o amor que lhe conhecemos.

Espero que prossigam a me lembrarem nas preces habituais, porquanto, agora observo que orações em nosso benefício são alavancas invisíveis de apoio, impelindo-nos à sustentação que devemos assegurar por nós mesmos.

Não posso escrever mais, desculpem-me. Acontece que a minha parcela de tempo esgotou-se, mas igualmente se foram as minhas reservas emocionais para prosseguir escrevendo e conversando...

Querida mamãe, com Eliana e nossas queridas crianças, com o nosso caro Jerônimo e com todos os nossos, receba todo o amor e todo o reconhecimento de seu filho.

Dejair

Dejair Fernando Rosa

17.10.80

LILIAN GUADALUPE ALVES

20.05.57 - Belo Horizonte - MG
13.08.76 - Belo Horizonte - MG



Sua formação religiosa permitiu-lhe que muito cedo incorporasse os ensinamentos de Jesus em sua vida, traduzindo-os por amor e respeito aos seus semelhantes, e uma excessiva preocupação com a natureza, defendendo-a sem tréguas.

Assim viveu, sempre com um sorriso de bondade.

Em família, tinha nos pais João Alves Batista Jr. e Vilma Guadalupe Alves, e na única irmã Heliane, a segurança, o amor, o carinho, enfim, tudo o que necessitava para cumprir os compromissos da presente encarnação.

Sempre muito estudiosa, não encontrou dificuldades para vencer o vestibular e iniciar seu curso, tão esperado, de odontologia, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Relata sua mãe, que uns três meses antes, como que pressentindo a partida, mudou radicalmente o comportamento, tornando-se mais tensa, triste, preocupada, sentindo algo indefinível dentro de si.

Assim, Lilian cumpriu sua encarnação e nos dá notícias confortadoras do Plano Espi-

ritual, ensinando-nos que a individualidade do espírito é fator de importância para o entendimento do processo de desencarnação e readaptação no Plano Espiritual.

DEPOIMENTO

Naquele 13 de agosto nunca poderia imaginar que passaríamos por prova que mudaria totalmente nossas vidas.

O desespero, a tristeza, porque não a revolta contra tudo e contra todos.

A Uberaba fomos algumas vezes, mesmo contra a vontade do meu marido. A mensagem de Lilian, na nossa terceira ida, veio repleta de respostas a pensamentos íntimos do pai, que não os havia partilhado com ninguém, servindo de bálsamo para o seu coração.

Como as mensagens de Lilian têm ajudado... Todos os que as lêem afirmam que recebem conforto, paz interior, e compreendem onde é a "verdadeira vida".

Mas todo esse conforto, essa ajuda que tivemos, devemos ao nosso abnegado irmão

Chico Xavier.

Como agradecer? Palavras? Não as encontramos no vocabulário para expressar nossa gratidão a essa abnegada criatura chamada Chico Xavier.

Vilma Guadalupe Alves

Meu querido papai, querida mãezinha, rogo me amparem, com a bênção de sempre.

Estou aturdida, ignorando como escrever-lhes assim, apressadamente, auxiliada por outras mãos, que me fazem compreender o valor do tempo. Posso, entretanto, dizer que procuro trazer as minhas notícias mais com lágrimas do que com as palavras.

Pai querido, sinto-me ligada ao seu coração de tal modo que os seus pensamentos agem e reagem sobre mim de estranha maneira. De repouso a repouso, sinto-me despertar com a sua presença dentro do meu coração, se posso assim exprimir-me.

Compreendo quanto auxílio recebemos, ambos, da querida mãezinha, que me procura nas idéias e orações da fé em Deus, mas, em verdade estou em seu pensamento, à maneira da hera, que cobre um tronco forte e maravilhoso, impedindo-o de florir, como de costume. Por isso mesmo, ainda não pude desvencilhar-me das primeiras impressões que eu trouxe da ocorrência dolorosa em que me envolvi, sem

saber controlar os meus sentimentos no susto de que me vi tomada, diante da desencarnação violenta.

Primeiro foi a pancada que não consigo definir, sem lembrar-me se foi meu corpo que bateu em alguma barreira de ferro ou se foi alguma barreira de aço que desabou sobre mim.

Como apaguei não saberia explicar; antes de tudo foi uma sombra grossa que me cobria a razão e depois um espécie de sonoterapia compulsória.

Não tenho discernimento ainda para fixar o tempo em que me vi nesse estado. Sei apenas que ouvia as expressões de dor da mãe e as suas palavras para mim. Eram como se fossem nuvens de pranto me afogando em aflição.

Pai querido, não me pergunte mais se estou viva, não indague sobre Deus... sua filha está fatigada, precisando de sua esperança. Você, papai, sempre amoroso e tão dedicado a nós, me auxilie, mentalizando-me viva e não morta.

Sei que não é fácil a separação para quem

ama. Não creia, porém, que eu também não sofra a dor que se abateu sobre nós. ||

Mãezinha, sabe que meu amor ao seu carinho foi sempre e ainda será sempre a riqueza maior que eu tenho. Não seguirei adiante sem vê-lo mais tranqüilo. Estou presa à sua ternura e não desejo outra situação além dessa, enquanto a alvorada de luz, da fé viva de que necessitamos não estiver brilhando em seu peito. ||

Ajude-me, compreendendo que a vida não termina com a petrificação do corpo. Preciso, meu pai, de sua confiança na Divina Providência.

Por agora, não saberia esclarecer o porquê de minha vinda para cá, no imprevisto em que nos vimos, mas já posso dizer ao seu carinho que o corpo estragado num acidente é igual a um vestido que se rasga quando não se espera.

Pense, papai, e logo que puder, deixe que a alegria penetre em seu íntimo. Isso me conferirá novas forças.

Recebi todos os seus pensamentos no ca-

samento de nossa querida Heliane¹, porque a todo instante, você e mãezinha me lastimavam a ausência que realmente não se verificou. Vocês queriam que eu também tivesse o mesmo destino da minha querida irmãzinha, mas isso não constava de minha permanência na Terra.

Estou contente ao ver a felicidade da irmã querida, no entanto, pai querido, às vezes, noto-lhe lá no fundo do espírito, nobre e belo, a idéia de que *morrer será melhor*. Não pense assim. Melhor será sempre cumprir todos os deveres que Deus nos traça pelas circunstâncias da vida.

Não quero dizer que o propósito de autodestruição lhe venha aos pensamentos, mas sempre tive medo do desânimo, porque é pelo desânimo que a idéia de uma retirada prematura da experiência humana costuma aparecer. Sei que você, querido papai, lembra mortes voluntárias de seu conhecimento e começa a refletir sobre esse assunto. Rogo, porém, a você e mãezinha, me auxiliarem com a coragem.

Temos tanto a fazer, tantos corações precisando de assistência e de amor que é impossível perdermos tempo, julgando que se deva esperar pela morte com a descrença a esfriar-nos a vida e o coração.

Querido paizinho, ajude-me.

Aqui estou auxiliada pelo amigo que se deu a conhecer como vovô Batista², abençoando-me por neta.

Não me procure nas letras que garatujo na pressa de atender a um esquema de trabalho em que não posso parar, a fim de refletir. Procure-me presa a você mesmo, encarcerada na grade das frases que estou alinhando, na ânsia de me fazer sentida e ouvida. Não posso escrever mais.

À medida que sua mente se desanuviar, querido papai, creio que me livrarei da névoa que ainda me obscurece os pensamentos.

Rogo para que não culpem e nem se desagrudem com ninguém.

Estarei feliz ao vê-los felizes.

Melhorarei ao reconhecê-los mais fortes.

E confiem com mais segurança em mim

mesma, no mesmo passo em que se mostrem mais firmes na certeza de que Deus não nos abandona.

Reúno os dois num beijo de muito carinho, pedindo à mamãe para que não se aborreça se me inclinar mais fortemente para o pai querido, que tem sofrido tanto por minha causa.

Mãezinha querida e meu querido papai, recebam os dois todo o coração repleto de muito amor e gratidão da

Lilian

Lilian Guadalupe Alves
24.02.78

ELUCIDAÇÕES

- 1) Heliane Alves Guimarães - Sua única irmã, casada com Lucas Gontijo Guimarães.
- 2) João Alves Batista - Avô paterno, desencarnado em 23.05.68.

ELISABETE ALUOTTO SCALZO PALHARES

03.05.44 - Belo Horizonte - MG

16.04.76 - Belo Horizonte - MG



Sua presença tinha o poder de encantar o ambiente, mercê de sua simpatia, vivacidade e da alegria que irradiava.

Sempre ligada à Doutrina, desde a infância freqüentava o movimento espírita, acompanhando a mãe, avó e tias, alicerçando sólidos conhecimentos doutrinários.

Casou-se aos 18 anos com o sr. José Maria Palhares Filho. Esposa dedicada, mãe exemplar, formando com as três filhas, Alcione, Luciana e Juliana, um ninho de amor, inspirado nos ensinamentos cristãos, o que lhe possibilitou um despertar lúcido e equilibrado, na Vida Espiritual.

A mensagem que publicamos foi dirigida à sua tia Nenem*, cujo depoimento segue adiante.

* Maria Philomena Aluotto Berutto, notável educadora, destacada militante espírita, particularmente respeitada pela sólida cultura, aliada ao acendrado amor à causa de Jesus que, pessoalmente podemos testemunhar, vivencia a cada minuto de suas lides na Terra. Presidente da União Espírita Mineira, diretora do jornal 'O Espírita Mineiro' e do Colégio 'O Precursor'.

DEPOIMENTO

Logo após o desenlace de Bete, recebemos a bênção das primeiras notícias pelo nosso amado Chico Xavier, que nos reconfortou em encontro pessoal, aliviando-nos da pressão de mil comentários surgidos, como sói acontecer em circunstâncias como as desses dias.

Graças a Deus, aquietaram-se nossos corações, aceitando tudo como desígnio de nosso Pai.

Outras generosas palavras continuaram acalentando nossas almas.

A primeira mensagem psicografada por nosso querido Chico Xavier, recebemos após quatro anos, em 1980, em reunião pública, no Grupo Espírita da Prece, Uberaba-MG.

Momentos inesquecíveis de alegria, ba-

nhada pela bênção das lágrimas, desafogando-nos a alma...

Bendito seja, Chico Xavier querido!

Maria Philomena Aluotto Berutto
(Nenem)

Querida Nenem, Deus nos abençoe.

Vejo a nossa Ana com o Horvânio¹ ao nosso lado e peço a Jesus nos ampare a todos, a lembrar-nos dos nossos corações queridos, ausentes dos nossos momentos de intercâmbio.

Creiam vocês que não é fácil manejar o lápis, como quem telegrafia. Tudo vertiginoso, como se devêssemos gravar os próprios pensamentos numa fita magnética, sem muitas possibilidades de pausa para pensar.

Que me encontro sequiosa de contato com vocês, isso é inegável. Principalmente com a mãe que me aguarda as palavras, com aquele carinho que lhe conhecemos... Entretanto, condensemos os assuntos para que o tempo não nos acuse de desperdício.

O 16 de abril de 1976 foi um marco inesquecível².

Lutei para ficar, e vocês sabem disso. Não me conformava, a princípio, com a idéia de me afastar da casa por imposição da morte que, afinal, era uma intrusa em nossa felicidade.

Acompanhei com a maior lucidez todos os tratamentos do remate que se indicava ao meu

corpo exausto, embora a minha vontade de permanecer preponderasse em todas as providências. Por fim, já não se fazia possível a resistência. Procurei apegar-me às orações dos amigos, da Mamãe, e dos parentes. Às vezes, resignada, de outras vezes, contrafeita.

Chegou, porém, o instante em que no sono pesado pelo qual tanta gente atravessa, quando de regresso à Vida Nova, enxerguei com clareza a vovó Carmela³ que me pedia aceitar os Desígnios de Deus. Aquela ternura da mãe-anjo a envolver-me, com aquelas recordações dos primeiros dias da vida, aquele amor...

Ah! Nenem, como opor qualquer corrente contrária à bênção que me envolvia?... Admiti, por fim, render-me à evidência... Era muito o que se exigia de mim, no entanto, não me restava senão deixar vocês todos - a família querida - o esposo e os filhos do coração...

Vovó Carmela abraçou-me, como quando me embalava em criança, acariciando-me para que lhe aceitasse o colo para dormir. Dormi soluçando, mas confortada, diante do socorro que se me estendia...

Depois, foi o despertar... O leito alvo e o ar puro. Respirava de novo sem a idéia de que remédios me cercavam...

Lembrei-me de nossas conversações em torno da transferência de uma vida para a outra vida e procurei na prece o meu refúgio para errar menos no primeiro contato com a verdade.

Foi ainda vovó Carmela quem me preparou os conhecimentos novos. Achava-me na Vida Espiritual e devia estar corajosa para concordar com os fatos havidos. Naturalmente que não ouvi as explicações sem muitas lágrimas. O corpo doía bastante e reconheci que todo o meu tratamento se fizera muito mais no chamado corpo espiritual do que no veículo físico.

Depois vieram muitos dos nossos que me haviam precedido. A tia Paulina⁴ não podia deixar de ser aquela que igualmente me proporcionaria novas forças. Abraçou-me, mas se eu supunha naquela hora que iria ela reviver todo o drama da partida em que a vimos acidentada com as meninas e os netos no desastre que nos fizera sofrer tanto, estava eu muito enganada...

Falou-me de paz e otimismo, de esperança e resignação. Abriu-me ao entendimento horizontes novos. Era preciso ser forte para auxiliar ao nosso querido José Maria⁴, tanto quanto ela própria se esmerava em assegurar a melhor posição à saúde de Chafir e do Maurício⁴.

Aquela coragem me impressionou. Pensei em Mamãe Hilda, com tantos encargos e nas crianças que eu deixava.

A força começou a renascer por dentro de mim...

Contatos com Márcia Maria e com Maria Helena não foram diferentes. Ambas se preocupavam em auxiliar aos que haviam ficado, sem qualquer laço de egoísmo a lhes prender os corações.

Outros amigos, com o Papai⁵ à frente, vieram ao meu encontro; e os dias, a se sucederem uns aos outros...

Conquanto recebesse o pranto oculto de Mamãe e das meninas em meu próprio coração, entreguei-me efetivamente àquela afirmativa do Pai Nosso - "seja feita a vossa vontade" e mergulhei na certeza de que todos pertence-

mos a Deus e que no Amparo Divino é preciso esperar o suprimento de nossas necessidades e não de nós. Desde esse instante de rendição, encontrei as energias precisas para o retorno a casa.

Comecei o meu trabalho de cooperação com a família, tentando erguer o ânimo da Mamãe, de quem me habituar a receber tranqüilidade e renovação. Comecei a perceber quão difícil se faz para os espíritos libertos a tarefa de auxiliar aos que permanecem na retaguarda, porque não é fácil retirar a mente da criatura dos condicionamentos em que a pessoa intimamente se refugia; mas encontrei em nosso Chico⁶ o irmão querido, o meu São Francisco de casa, um excelente apoio que me recolhesse e transmitisse o apoio às filhas queridas.

O querido irmão, sob as instruções da Mamãe Hilda, passou a ser um pedaço de mim própria junto de Alcione, da Juliana e da Luciana⁵ e fomos para a frente...

Agora, querida Nenem, com o casamento da filhinha, peço a você dizer à Mamãe Hilda que estou mais aliviada e partindo para outra realização - aquela de colaborar com o esposo

que deve restaurar-se na situação precisa.

Meu pai me amparou muito em meu novo entendimento. O segundo matrimônio é um lar mais firme pela experiência dos fundamentos edificados no primeiro. Ele me fez ver os benefícios da presença do nosso estimado amigo Ary⁷, protetor generoso de nosso grupo doméstico e passei a entender que o José precisa de se realizar em novo estado que lhe restitua a tranqüilidade de homem moço, necessitando da segurança doméstica, a fim de se achar propriamente mais senhor de si.

Aqui, se aceitamos Jesus, as afeições possessivas desaparecem, dando lugar a uma compreensão que se nos afigura verdadeira bênção de Deus: De muito pouco nos valeria uma dedicação agressiva, pronta a se prender nos entes amados, sem liberá-los para que possam viver por si mesmos. Graças a Deus entrei nessa embarcação do amor espiritual e tenho a felicidade de verificar que o lar vai se reajutando, como é preciso.

Peço a você dizer à Mamãe que tenho estado, quanto possível em companhia dela, do Roberto, do Renato, do Chiquinho e do Sérgio

Ricardo⁸ e peço-lhe se mantenha na calma, firmeza da qual lhe recolhemos sempre tantos exemplos de devotamento e fé, paz e segurança de espírito.

A Mamãe Rita⁹ foi para mim aquela enfermeira que me indicava remédios na infância; o nosso amigo Badi¹⁰ foi um benfeitor e ainda está sendo nos passes e nos diálogos com os quais me auxiliou a me levantar por dentro de mim própria; o Berutto¹¹ é o amigo de sempre e toda uma equipe de afeições queridas me sustenta o reerguimento para as tarefas a que me vejo empenhada.

Vejo a nossa querida Ana Carmela e rogo-lhe prosseguir sendo a mesma.

Aparecem tantas alterações no mundo em que nos achamos que nos conturbamos a pensar que as criaturas queridas são capazes de perder a paz que desfrutam. O Horvânio, como sucede a qualquer homem jovem, é obrigado a facear muitas lutas e se não encontrar em nossa Ana a força necessária para superar-se, naturalmente que as dificuldades dele se ampliarão.

Acompanho todas as ocorrências com os

nossos, e peço a Deus abençoe o José Olímpio e o Giacomo¹².

Tanta gente nos vem à lembrança, mas é preciso terminar esta carta.

A nossa Jandira¹³ está bem. Peço transmitir a notícia ao tio Francisco e dizer a ele que o Chafirzinho está um grande rapaz, sem qualquer trauma, porquanto ele se liberou, na desencarnação, ao mesmo tempo que os nossos.

Querida Nenem, agradeça ao Chico por todas as bênçãos da colaboração dele junto às meninas.

Espero que o nosso caro José Maria seja muito amparado e muito feliz. Ele sempre fez por merecer o melhor que nos possa vir de Deus.

Agradeço na pessoa do amigo Peralva¹⁴ o auxílio que recebi dos amigos nossos, e aqui encerro.

Com Mamãe Hilda os meus pensamentos de paz e amor.

Muitas lembranças à tia Lina¹⁵ e a todos. Muita gente não comparece em minha lista, mas estão todos os nossos afetos em meu coração.

Por último, rogo a você solicitar de Mamãe a certeza de que voltei para cá em tempo certo.

Não houve ocorrência anormal alguma em meu tratamento que suscitou tantas opiniões das quais não partilhei e, nem a realidade tomou conhecimento quanto aos pareceres contraditórios que nos cercavam.

Você, querida Nenem, desejava a nossa palavra. Aí estão! Quantas, nem sei.

Muito amor às filhinhas, e para você e Mamãe Hilda, todo o coração de sua

Bete
23.08.1980

ELUCIDAÇÕES

1) MARIA PHLOMENA... (NOTA de Rodryg' da RAZ 144)

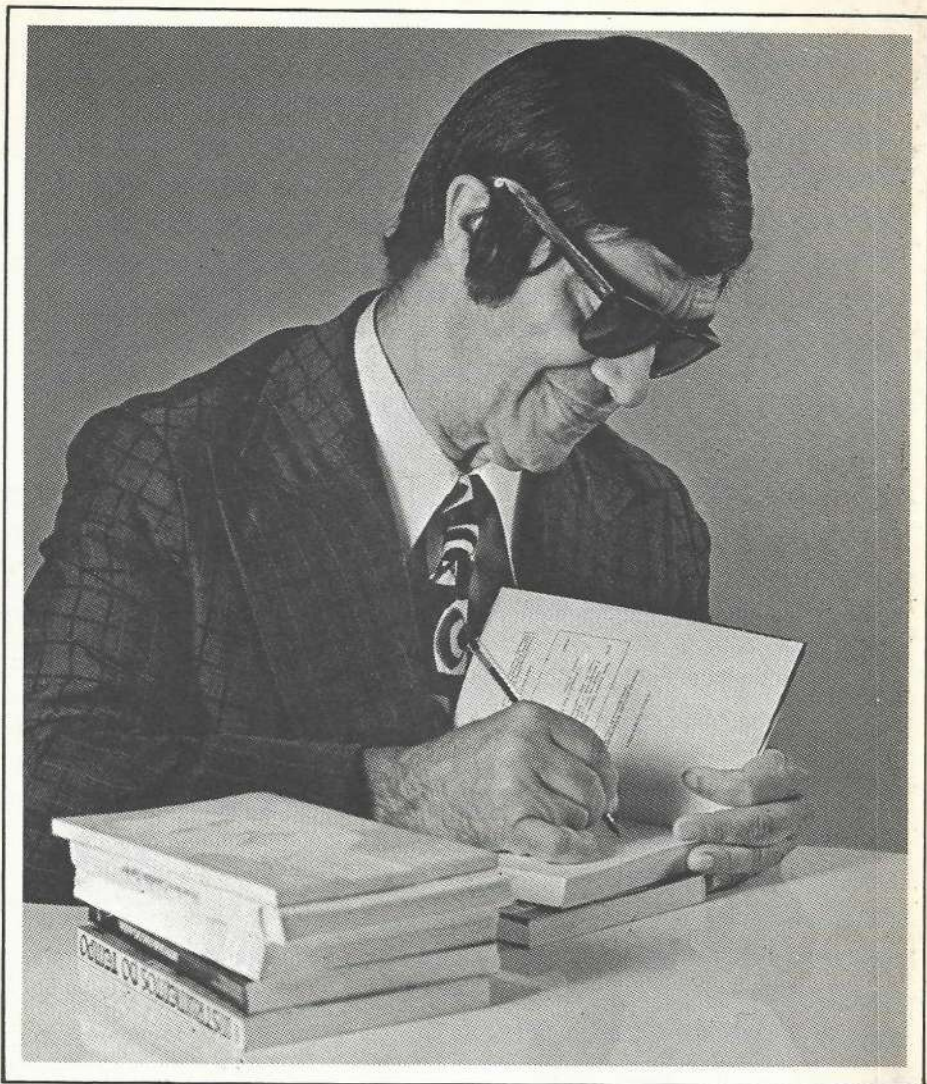
- 1) Ana Carmela Aluotto Aleixo - Prima de D. Elizabete, casada com o Sr. Horvânio Brant Aleixo, presentes na reunião em que a mensagem foi psicografada.
- 2) 16 de abril de 1976 - Data do seu falecimento.
- 3) Carmela Caruso Aluotto - Avó materna. Espírita praticante, desencarnou em Belo Horizonte no dia 29.03.48.
- 4) Paulina Aluotto Ferreira - Tia materna, casada com Chaffir Ferreira, teve três filhos: Temer Maurício Ferreira, Maria Helena Ferreira Meniconi e Márcia Ferreira Augusto. Faleceu em acidente aéreo ocorrido no Pico do Caparaó, em 1968, quando retornava de Guarapari - ES., acidente onde faleceram nove pessoas da família: D. Paulina, suas filhas Maria Helena e Márcia Maria com seus respectivos filhos Marcos Jr., Andrea, Paula Maria, Paulo Márcio; e mais dois netos, Chafir Neto e Denise, filhos de Temer Maurício Ferreira.
José Maria Palhares Filho - Marido de D. Elisabete.

- 5) Francisco Scalzo - Pai de D. Elizabete, desencarnado em Belo Horizonte.
- 6) Francisco Scalzo Filho - Seu irmão que se dedicou com muito amor na criação e formação de suas filhas.
Alcione - Juliana - Luciana - As filhas de D. Elisabete.
- 7) Ary Machado - Padrasto de D. Elisabete.
- 8) Roberto Aluotto Scalzo, Renato Aluotto Scalzo, Francisco Scalzo Filho e Sérgio Ricardo Aluotto Scalzo - Seus irmãos do primeiro matrimônio.
- 9) Mamãe Rita - Guia Espiritual que vela pela família, orientando-a nas frequentes reuniões promovidas na intimidade do lar.
- 10) Badi Elias Curi - Grande trabalhador da causa espírita. A família deve a ele a iniciação no Espiritismo. Foi presidente da União Espírita Mineira e do Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, de Belo Horizonte. Participou ativamente das reuniões do Cenáculo Espírita Tiago Maior e Cenáculo Espírita Antônio de Pádua, dedicados ao culto domiciliar. Desencarnou em Belo Horizonte no dia 30.03.62 no exercício da presidência da União Espírita Mineira.
- 11) Adriano Berutto - Esposo de D. Nenem. Sempre ligado ao movimento espírita, foi quem levou a família a conhecer a Doutrina. Membro do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira,

- desencarnou em Belo Horizonte no dia 27.07.64.
- 12) José Olímpio de Carvalho Aluotto e Giacomo Aluotto Neto - Primos de D. Elisabete, filhos de D. Jandira Carvalho Aluotto e Sr. Francisco Aluotto, também citados na mensagem.
- 13) Jandira Carvalho Aluotto - Casada com o sr. Francisco Aluotto, tio materno de D. Elisabete, desencarnada em Belo Horizonte a 07.05.79. Esta citação é muito importante. Refere-se ao acidente aéreo. O Sr. Francisco trazia em seu íntimo excessiva preocupação, desconhecida dos familiares, com a desencarnação do Chafirzinho, imaginando-o só em meio àquela tragédia. O esclarecimento sobre o seu despertar para a Vida Espiritual trouxe o conforto que buscava ao longo destes anos...
- 14) José Martins Peralva Filho - Natural de Buquim - SE, amigo da família, radicado em Belo Horizonte desde 1949. Jornalista, escritor e orador espírita, Diretor da União Espírita Mineira. Lídimo representante da geração que impulsionou o Espiritismo no Brasil, a quem o movimento de hoje deve o mais profundo preito de gratidão.

Direitos autorais cedidos ao Geem
Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora
Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, 2857
Caixa Postal 888
Telefones: 419-7122 e 419-7960
Cep 09701 - São Bernardo do Campo - S.P. - Brasil
CGC n.º 59.141.085/0001-70

impressão e acabamento
W. Roth & Cia. Ltda.



GRUPO
ESPÍRITA **G E E M**
EMMANUEL S/C EDITORA